

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

TATIANA DE CAMARGO

**VIVÊNCIAS DE VENEZUELANOS SOBRE O REFÚGIO NO BRASIL: O PAPEL DA
APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA PARA A INSERÇÃO NA CULTURA**

**CAMPINAS
2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

TATIANA DE CAMARGO

**VIVÊNCIAS DE VENEZUELANOS SOBRE O REFÚGIO NO BRASIL: O PAPEL DA
APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA PARA A INSERÇÃO NA CULTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida - PUC-Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Lúcia Trevisan de Souza

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

400
C172v

Camargo, Tatiana de

Vivências de venezuelanos sobre o refúgio no Brasil: o papel da apropriação da língua para a inserção na cultura / Tatiana de Camargo. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

60 f.

Orientador: Vera Lucia Trevisan de Souza.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia , Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Linguagem e Líguas - Língua portuguesa. 2. Refugiados - Venezuela. 3. Inclusão social - Cultura. I. Souza, Vera Lucia Trevisan de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia . III. Título.

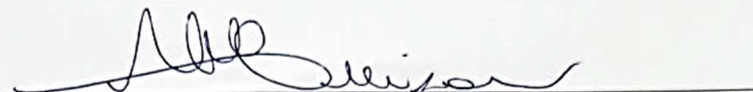
CDD - 22. ed. 400

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

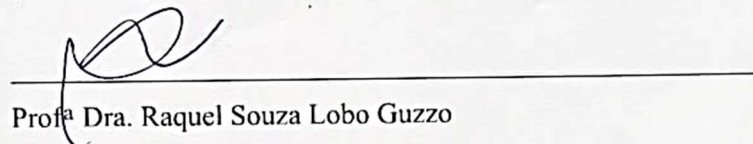
TATIANA DE CAMARGO

VIVÊNCIAS DE VENEZUELANOS SOBRE O REFÚGIO NO BRASIL: O
PAPEL DA APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA PARA A INSERÇÃO NA CULTURA

Dissertação defendida e aprovada em 25 de JANEIRO de
2023, pela Comissão Examinadora.



Prof^a Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza
Orientadora da Dissertação e Presidente da Comissão
Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Prof^a Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Prof^a Dra. Lísia Regina Ferreira
Universidade Federal da Fronteira do Sul
(UFFS-Chapecó-SC)

A todos aqueles que arriscaram e arriscam suas vidas,
nas travessias entre fronteiras e oceanos.

AGRADECIMENTOS

*“É junto dos bão que a gente fica mió!”
Guimarães Rosa*

À minha adorável orientadora, a professora doutora **Vera Lúcia Trevisan de Souza** por fazer esta “travessia” comigo, com muita generosidade e conhecimento. Sempre muito afetuosa e com disposição, construiu pontes para que eu pudesse enfrentar os desafios de fazer a pesquisa. Muito obrigada pelas orientações e por ajudar a vislumbrar novos caminhos possíveis, nas artes e na educação. Obrigada por tudo, sempre!

À professora doutora **Raquel Guzzo**, pelas ricas contribuições na banca de qualificação e pelas maravilhosas discussões nas disciplinas, sempre nos levando a olhar para a importância do coletivo e as políticas públicas e sociais nos projetos e na vida.

Ao professor doutor **Wanderlei Oliveira**, pelas ideias e sugestões - na banca de qualificação - as quais contribuíram para o crescimento deste trabalho.

Ao grupo **Prosped**, por toda a ajuda e rica convivência. Sou imensamente grata a: **Marcela, Rômulo, Guilherme, Rebecca, Aline, Natália, Esther, Samantha, Thiago, Rafaela e Laura.**

À **Rayanne**, pelos afetos construídos nessa caminhada e por me acolher sempre nos momentos difíceis, sua escuta sensível e generosa é tão necessária. Que alegria ter compartilhado também bons momentos com você.

Ao **Matheus**, por toda a dedicação que tem com o grupo, por estar sempre pronto para ajudar; nossas ricas conversas contribuíram muito com este trabalho e me inspiraram para muitos outros.

À **Lísia**, pelas valiosas conversas que me acalmaram ao longo do ano, muito obrigada!

À **Fernanda** por todas as horas em que se disponibilizou para auxiliar-me em minhas dúvidas.

Ao professor doutor **Jorge Miklos**, pelas orientações na preparação do “pré-projeto”, antes de iniciar o mestrado.

À **Lucimar**, pela contribuição na revisão deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC-Campinas e às secretárias, **Amélia** e **Elaine**, pela atenção e ajuda prestada, desde o início.

À minha **família** e **amigos**, por compreenderem a minha ausência nos últimos meses.

À minha querida amiga **Eva**, por incentivar-me a estudar sobre as questões de migração e refúgio.

À minha irmã, **Karina**, pelas palavras de incentivo.

Ao **Rodrigo**, pelo amor, cuidados e apoio incondicional, possibilitando meu percurso até aqui.

“O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil”.

LISTA DE SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CASP	Caritas Arquidiocesana de São Paulo
CONARE	Comitê Nacional para refugiados
CRAI	Centro de Referência e Atendimentos aos Imigrantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Economia
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo conhecer a vivência de venezuelanos em situação de refúgio no Brasil e analisar a importância do papel da língua na inserção de refugiados na cultura do país que os recebe. A pesquisa, ora apresentada, insere-se no campo dos estudos qualitativos. Ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky, sobretudo nas contribuições dele, sobre o papel do pensamento e da linguagem no desenvolvimento humano. Esta pesquisa-intervenção realizou, durante cinco meses, entrevistas semiestruturadas e encontros semanais presenciais com adultos refugiados, em uma Organização não Governamental (ONG) que acolhe esses sujeitos, na cidade de São Paulo. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e os encontros registrados em Diários de Campo. Nos encontros, usamos materialidades artísticas como forma de criar espaços para ampliar as expressões das vivências dos participantes e promover o diálogo sobre a temática da emigração. Os resultados indicaram que as questões envolvidas no refúgio podem estar relacionadas a diversos motivos, sociais, econômicos e políticos, este último, por vezes, gera perseguição, conflitos e violação de direitos humanos. Além disso, ao chegarem ao país de acolhida, enfrentam desigualdades sociais, falta de moradia e de emprego. Dentre as dificuldades enfrentadas, o não domínio da língua portuguesa apresenta-se como de grande relevância, visto que não conseguem sequer obter documentos, desempenhar-se em uma entrevista de emprego ou mesmo acessar seus direitos. Conclui-se, dessa forma, que o investimento na criação de espaços para a apropriação da língua portuguesa é urgente, para que o Brasil estabeleça uma política migratória capaz de - não somente acolher - mas também incluir os que sofrem por serem obrigados a deixar seus países.

Palavras-chave: Domínio da língua portuguesa. Psicologia Histórico-Cultural. Inclusão. Refugiados

ABSTRACT

This study aims to understand the experience of Venezuelans in a situation of refuge in Brazil and to analyze the importance of the role of language in the insertion of adult refugees in the culture of the country that receives them. The research presented here is part of the field of qualitative studies. It is anchored in the theoretical-methodological assumptions of Vygotsky's Historical-Cultural Psychology, especially in his contributions on the role of thinking and language in human development. This research-intervention carried out semi-structured interviews and weekly face-to-face meetings with adult refugees, in a non-governmental organization that welcomes those people, in the city of São Paulo, during a period of five months. The interviews were recorded and transcribed; and the meetings recorded in Field Diaries. In the meetings, we use artistic materials as a way to create spaces to expand the expressions of the participant's experiences and promote dialogue on the theme of emigration. The results indicated that the issues involved in the refuge may be related to different reasons, social, economic and political, the latter sometimes generates persecution, conflicts and violation of human rights. However, upon arriving in the host country, they face social inequalities, lack of housing and employment. Among the difficulties faced, the lack of knowledge of the Portuguese language is presented with great relevance, since they cannot even obtain documents, perform in a job interview or even access their rights. It is concluded, therefore, that the investment in creating spaces for the appropriation of the Portuguese language is urgent for Brazil to establish a migration policy capable of not only welcoming, but also including subjects who suffer from being forced to leave their countries in society.

Keywords: Domain of the Portuguese language. Historical-Cultural Psychology. Inclusion. Refugees.

SUMÁRIO

PARTE 1	11
INTRODUÇÃO	12
Referencial teórico	16
Desenvolvimento humano na psicologia histórico-cultural: pensamento e a linguagem em foco	16
Refugiados: uma breve história sobre o direito de migrar	18
Método	22
Contexto	23
Participantes.....	24
Procedimento e materiais	26
Considerações éticas	27
PARTE 2	28
Resultados e discussão	29
CAPÍTULO 1 RAZÕES PARA MIGRAR	30
1.1 Uma breve história da Venezuela	30
1.2 A situação do refugiado antes do refúgio.....	32
1.3 As dificuldades para sair do país de origem.....	33
1.4 O sonho do refugiado de voltar para a Venezuela	34
CAPÍTULO 2 PAÍS QUE ACOLHE	36
2.1 As condições de vida do refugiado e os agravantes dessa condição	36
2.2 Os sentimentos vividos pelos Refugiados.....	37
2.3 A percepção do refugiado do local que acolhe	43
CAPÍTULO 3 A IMPORTÂNCIA DO DOMÍNIO DA LÍNGUA	46
3.1 A importância do domínio da língua.....	48
3.2 As razões para dominar a língua.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE	59
ANEXO	60

Atravessamos oceanos há séculos, através das águas, partindo do continente do lado de lá. Partimos de muitas terras. Partimos de muitos lugares, de diferentes cores, de diferentes vozes, de diferentes falares, por diferentes ondas, de terra e de mar, de florestas e de savanas, de planícies e de montanhas. Partimos muitas vezes acompanhados de multidões, partimos em pequenos grupos, mas quase sempre partimos conosco. Partimos para fecundar a América. Partimos para perecer na América. Nascimento e morte: América. Viajamos o Atlântico, viagem nunca desejada, quase nunca sonhada, mas quase sempre necessária. Deixamos histórias, carregamos histórias, tudo o que o trazemos é o que pode ser comportado em nosso espírito, para que nossa terra não se acabe, para que floresça e seja presente, para que, talvez daqui a alguns anos ou séculos possamos regressar e refundar nossas vidas, unir os fios partidos e caminhar sobre as águas.

Doramar ou a Odisseia.

Vieira Junior, Itamar. “Meu mar (fê)”, p.101.

PARTE 1

INTRODUÇÃO

“Solidarizo-me com aqueles que foram despojados dos seus deuses, dos seus sonhos, dos seus rios, de um pedaço de céu e da sua terra.”

*Oswaldo Guayasamin,
artista plástico equatoriano.*

“Nunca tive aula de português antes, só aprendi lendo e assistindo jornal”.

“Difícil, para as crianças é mais fácil, está comprovado. ‘O loro velho não aprende hablar’ ditado venezuelano”

“Gosto de escutar, falar acho difícil, acho muito difícil, me dá dor de cabeça, mas preciso aprender para me relacionar, mas tenho muita coisa na mente”.

(Trechos das falas dos Refugiados Venezuelanos).

Esses trechos que escolhemos para introduzir esta dissertação são expressões dos sujeitos que participam desta pesquisa, que trazem em suas narrativas expectativas e experiências, desde seus países de origem, até os percalços em solo brasileiro que, ao chegarem, deparam com a questão da língua, e o não domínio da língua é uma problemática abordada nesta pesquisa.

O meu interesse sobre refugiados constrói-se a partir do meu trabalho, como professora, iniciado assim que terminei a graduação em Pedagogia, em 2012. Na época, ministrei aulas em uma organização não governamental (ONG), para os haitianos que deixaram o país em decorrência do terremoto em 2010, que deixou 300 mil mortos e dezenas de milhares de feridos e desabrigados. Em 2014, dei início ao projeto “Reforço escolar para crianças refugiadas da Síria”, sem vínculos institucionais: uma vez por semana eu ia às casas das famílias para trabalhar com os participantes do projeto. Desde então, sigo com meu trabalho como professora voluntária, promovendo atividades para o ensino da Língua Portuguesa, em uma instituição que se dedica ao atendimento de pessoas imigrantes e refugiadas na cidade de São Paulo.

Com o tempo, questioneei-me de maneira mais reflexiva, com desejo de compreender esse fenômeno do refúgio, por isso fui buscar na Psicologia do Desenvolvimento, sobretudo na Psicologia-Histórico Cultural, fundamentações teóricas que pudessem contribuir para o meu trabalho com a Educação.

Apesar de ter inicialmente objetivos pré-estabelecidos para o trabalho com imigrantes e refugiados, a urgência nos chamou a atenção para a complexidade das questões que envolvem o refúgio e a importância de políticas públicas para o aprendizado da língua, uma vez que, sem o domínio da língua, o sujeito não tem condições de se inserir na sociedade. E, se conseguir chamar a atenção para a necessidade de políticas públicas que abrangem o ensino da língua para imigrantes, ficarei satisfeita com o trabalho.

Do ponto de vista da produção de conhecimentos, foi realizado levantamento, nas bases de dados da BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), por pesquisas - de 2017 a 2021 -, relacionadas aos impactos da apropriação da língua por imigrantes/refugiados, utilizando as palavras-chave: “imigrantes e psicologia”. Foram encontradas 89 dissertações e 19 teses, dentre os quais três trabalhos cujo conteúdo mais se aproxima dos interesses desta pesquisa.¹

O critério de inclusão para a seleção das dissertações e teses, foram produções dos últimos 10 anos (2011-2021), produções da área da educação e/ ou da psicologia, produções na íntegra e *online*. E para exclusão: livros e capítulos de livros, manuais e editoriais.

Os trabalhos até aqui encontrados exploram as questões como inserção na cultura, as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, como: preconceitos, dificuldade em aprender nova língua, adaptação em cultura diferente. No âmbito das políticas públicas, investigam políticas migratórias destinadas à população imigrante; e pesquisas relevantes que contribuam para a melhoria das ações de políticas públicas, para que esses sujeitos tenham reconhecidos seus direitos e possam viver no país de acolhida com mais dignidade e respeito.

O resultado desse levantamento está alocado na tabela abaixo com dados dos três trabalhos selecionados para dialogar com nossa proposta de pesquisa.

Tabela 1: Títulos, autores, orientadores e ano de publicação dos trabalhos

Título da tese/dissertação	Autor/orientador e Universidade	Ano de Publicação
O papel do Instituto Federal de Mato Grosso na inserção dos Haitianos na Sociedade	Lucélia Alves dos Santos Ribeiro Isabel Ardions Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Instituto Politécnico do Porto	2018
Fenômeno migratório da Venezuela e os critérios humanos: Para reconstrução de uma teoria normativa	Ricardo Rosa Frazão Pereira Orlando Villas Boas Filho Universidade Presbiteriana Mackenzie	2020
Políticas para imigrantes: formação da agenda do governo municipal de São Paulo	Camila Barrero Breitenvieser Marta Ferreira Santos Farah Fundação Getúlio Vargas/ Escola de Administração de Empresas de São Paulo	2019

Fonte: autoral

¹ Importante mencionar que a pesquisa foi feita antes da Banca de Qualificação e tinha objetivo de investigar a importância do domínio da língua por Adultos Imigrantes e Refugiados. Após a qualificação, entendemos sobre a dimensão das questões acerca do refúgio e, por considerar temática relevante e atual, optamos por seguir a pesquisa focadas em refugiados, dada a complexidade do contexto. Entretanto, em decorrência do tempo para a conclusão do trabalho e interrupções em função da pandemia, não houve novo levantamento apenas de “refugiados”. Consideramos necessárias futuras pesquisas que invistam nessa revisão.

O trabalho de Ribeiro (2018) destaca-se por abordar o ensino da língua portuguesa e da cultura brasileira para estrangeiros, a fim de analisar o impacto do projeto na vida dos participantes em relação à integração social, para favorecer a capacidade de se comunicarem e interagirem com os brasileiros e contribuir com a responsabilidade social e melhoria das ações de políticas públicas.

O trabalho de Pereira (2020) aborda o tema migratório, a partir das políticas públicas. Tal pesquisa trata do fenômeno migratório de venezuelanos e traz aspectos importantes sobre a Lei de Migração, de 2017, que segundo ele trouxe ao Brasil nova esperança, a fim de superar a legislação anterior (Estatuto do Estrangeiro), herança da ditadura militar. O autor discorre sobre a inclusão do imigrante e o acesso à cidadania, por serem sujeitos de direito.

Por fim, o estudo de Breitenvieser (2019) referente às políticas públicas destinadas à população imigrante que reside no município de São Paulo, analisa a relevância do tema para a cidade de São Paulo que é o maior destino de migrantes internacionais. A pesquisa discorre sobre dois tipos de políticas migratórias, destinadas à população imigrante, a saber: política migratória e políticas para imigrantes, promovidas pelo governo municipal, entre a gestão de Luiza Erundina (1989) e a instituição da Coordenação de Políticas para Migrantes na Gestão de Fernando Haddad (2013), com o propósito de identificar a forma como a migração foi sendo incorporada na atuação do município a partir de demandas sociais concretas.

Para ampliar os resultados do levantamento bibliográfico, fizemos uma busca na base de dados da CAPES, utilizando as palavras “Imigrantes AND Psicologia histórico-cultural”, com filtro de estudos publicados nos últimos 10 anos (2011-2021). A busca resultou em 128 artigos, e os critérios para inclusão foram: artigo publicado *online* e na íntegra e ser da área da Psicologia ou da Educação. Como resultado, foram selecionados dois que mais se aproximavam da discussão proposta neste trabalho. Título, autores e revista dos respectivos artigos estão disponibilizados na Tabela 2.

Tabela 2: Título, autores e revista dos artigos do levantamento – Periódicos CAPES

Título do artigo	Autores	Revista e Ano de publicação
Reconstrução em movimento: Impactos do terremoto de 2010 em imigrantes Haitianos.	Barros, AF, Martins, Borges, L.	Psicologia: Ciência e Profissão Jan/ Mar. nº 1 (2018)
Deslocamento humano e reconhecimento social: relações e condições de trabalho de refugiados e migrantes no Brasil.	De Faria, J. H., Ragnini, E. C. S., Bruning, Camila	Cadernos EBAPE.BR(2021)

Fonte: autoral.

Barros e Martins (2018) buscaram analisar os impactos psicológicos, causados pelo terremoto no Haiti, o que levou muitos haitianos a emigrarem. As emigrações involuntárias implicam muitas mudanças e podem levar o sujeito ao estado de vulnerabilidade psíquica, uma vez que sua existência é ameaçada pelo contato com uma cultura diferente. Mesmo que a imigração seja facilitada legalmente, ainda assim é vivida com dificuldade de integração pela maioria dos imigrantes, a lembrança traumática, a perda de casa, educação e pessoas também são dificuldades enfrentadas.

A pesquisa De Faria *et al.* (2021) analisou os estudos sobre o processo de inclusão social de migrantes, de diferentes nacionalidades, na cidade de Curitiba - Paraná, com foco na inserção no âmbito do trabalho e no ensino superior brasileiro, ressaltando as dificuldades e os sofrimentos apresentados. Os resultados mostraram inclusão precária no ambiente de trabalho e evidências de injustiça social e sofrimento psíquico dessa população.

Os trabalhos até aqui encontrados discorrem sobre as dificuldades encontradas pelos imigrantes, na inserção à nova cultura, os preconceitos, obstáculos em aprender nova língua, a adaptação em uma cultura diferente. No âmbito das políticas públicas, investigam políticas migratórias que são destinadas à população imigrante. Enfim, são pesquisas relevantes que contribuem para a melhoria das ações; e, assim, colaboram para que esses sujeitos sejam reconhecidos como sujeitos de direitos e que possam viver no país de acolhida com mais dignidade e respeito.

Nota-se, então, a relevância da temática, sobretudo na atualidade, em que a questão da migração forçada cresce no mundo, como resultado de conflitos humanos e entre países e para que a aprendizagem da língua favoreça o desenvolvimento desses sujeitos **refugiados**. E, mais, para que, além do domínio da língua também acessem a cultura, ampliem possibilidades de superar as adversidades (visto que chegam ao país, sem conseguir se comunicar e sem informações mínimas sobre moradia, escola e emprego), a presente pesquisa orienta-se a partir da seguinte pergunta: qual a importância da língua na inserção de adultos refugiados na cultura do país que os recebe?

O objetivo geral desta pesquisa é: **investigar a importância do domínio da língua para inclusão na nova cultura, do ponto de vista do próprio sujeito**. A partir desse objetivo geral, apontamos os objetivos específicos:

- Compreender o papel da Língua Portuguesa para a inclusão dos refugiados na cultura à qual se inserem.
- Analisar o processo de apropriação do idioma pelos participantes, identificando as dificuldades e as facilidades nesse processo.
- Promover a fala e a escuta dos sujeitos sobre vivências no novo país, por meio de atividades mediadas por expressões artísticas.

Referencial Teórico

Desenvolvimento Humano na Psicologia Histórico-Cultural: Pensamento e Linguagem em foco

Entendemos que, no caso da população refugiada, independentemente das razões que levam o sujeito a deixar o país de origem e, por vezes, de modo abrupto, tendo de se inserir em nova cultura, momentaneamente ou em definitivo, o sujeito não pode retornar ao país, a casa, ao seu lar. Algumas vezes, a família e as experiências em geral são vividas de modo adverso, o que justifica a necessidade de intervir no processo, para além do que se costuma chamar de acolhimento.

Busca-se com este trabalho compreender a aprendizagem da língua portuguesa pelo sujeito que migra, uma vez que o domínio do idioma amplia as possibilidades de superar adversidades e, com isso, promover ações que visam a transformar a situação, ao entender a importância de humanizar as condições sociais, em que vivem os participantes, assume-se a responsabilidade de favorecer o desenvolvimento por meio das relações no coletivo.

Para melhor compreensão sobre como se dá a aprendizagem, no processo de refugiados imersos em nova língua e cultura, este trabalho apoia-se no referencial da Psicologia histórico-cultural que compreende o homem como sujeito histórico, constituído **na e pela** cultura. O social tem papel fundamental para o desenvolvimento do sujeito (Souza, 2021). Isso porque implica a ação permanente dele em relação ao meio, que é considerado fonte de desenvolvimento (Souza & Andrada, 2013).

Essa concepção de homem tem, como pressuposto teórico metodológico, o materialismo histórico-dialético, o qual permite pensar o desenvolvimento sempre em consolidação e não como terminado. Assim, o desenvolvimento é processo, que se move em diversas direções que avançam e retrocedem no decorrer do desenvolvimento humano. (Souza & Arinelli, 2019).

Para Vygotsky (1931/2007), a fala cumpre função social primordial na mediação com o meio, isso porque nos relacionamos socialmente, e o sujeito dispõe da fala para desenvolver formas próprias de pensar e expressar, com palavras ou gestos. Por esse viés, todo repertório adquirido, a partir do entorno, atua dialeticamente para constituir meios e promover transformações nele e no contexto.

O surgimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS) está submetido a estímulos do ambiente que medeiam as experiências do sujeito desde o nascimento. Dessa maneira, as funções psicológicas passam de natural a cultural, na medida em que são mediadas. E, por meio da mediação do outro, o sujeito altera as relações sociais em funções psicológicas, que atua sendo próprias de suas personalidades (Vygotsky, 1927/1995).

Entendem-se Funções Psicológicas Superiores (FPS) como memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoções. Elas inter cruzam

nessa rede de conexões, ou relações, e formam o sistema psicológico; dinâmica que não se esgota: apesar da estrutura das FPS não mudarem, as conexões mudam. Compreende-se que as conexões são a própria configuração de novos significados e sentido, que acontece quando FPS se cruzam, promovendo salto no desenvolvimento do sujeito (Souza & Andrada, 2013).

Vygotsky (2009) afirma que os significados das palavras evoluem a cada novo sentido que a ela é atribuído, ocorre como um processo dinâmico, no qual o pensamento realiza-se na palavra; ou seja, pelas palavras o pensamento ganha existência. Segundo Souza e Andrada (2013), é por meio da fala que a relação social acontece, de forma dialética; também por meio da fala o sujeito pode interagir e transformar o mundo. Assim, a fala ocupa papel fundamental para a elaboração do pensamento, das emoções, dos sentimentos. A linguagem é central nas relações sociais, uma vez que tem a função de comunicar, reproduzir a cultura e planejar a ação.

Desse modo, essas funções têm caráter indispensável para discutir a importância da apropriação da língua por adultos refugiados na nova cultura, tendo em vista sua função mediadora nas relações. E, para melhor entendimento sobre a fala, vejamos o que diz Ferreira (2014, p.64)

Para ampliar a compreensão a respeito da fala, destacamos três importantes características basilares: é necessária à comunicação, que conta com a força da entonação e opera com predicados de cada língua específica. Em seu processo de desenvolvimento, no início é considerada como externa, pois cumpre um papel eminentemente social, para depois passar por um momento onde a consideramos egocêntrica, pois vai perdendo característica da externa e ganhando contornos da singularidade de cada sujeito, e, no processo de continuidade desse fenômeno, espera-se que o humano alcance a fala interna, nesta o sujeito deverá ser capaz de realizar discursos na ausência ou quase sem a utilização de palavras verbais, pois estará operando com o abstrato.

A palavra é o signo que representa o objeto, atribuindo-lhe sentido, como um predicado do pensamento. Ao passo que a fala torna-se complexa, o pensamento também se torna mais desenvolvido. Cada momento do desenvolvimento do significado das palavras representa também novo momento de desenvolvimento, na relação entre pensamento e fala (Vygotsky, 1934/2003).

O autor também reforça que não há como estudar o pensamento e a fala a não ser pelo método dialético, que atribui caráter histórico às questões relacionadas ao comportamento humano (Souza & Andrada, 2013).

De acordo com Ferreira (2014), a vivência é mediada pela fala, por pensamentos e afetos; logo, ela é um evento que provoca o sujeito em sua totalidade, transcendendo a si, maneira pela qual modifica o contexto em que se insere, diante dessas considerações. Souza e Andrada (2013) afirmam que “é possível definir vivência como uma experiência significativa para o sujeito, recheada de emoções”.

Desse modo, o sujeito pode, cada vez mais, melhorar e expandir as representações do meio que o cerca; e, assim, formar novos conceitos e desenvolver a consciência de si e da realidade. Por isso, a compreensão de que o sujeito é produto da sua história, em virtude do seu caráter histórico-

social (Souza & Andrada, 2013). Ademais, “a consciência leva à transformação e ao desenvolvimento e é por meio dela que o homem evolui” (Souza & Andrada, 2013). Para Vygotsky, (1933/2004), a fala é instrumento fundamental para promover o desenvolvimento da consciência, visto que ela permite que o sujeito se comunique, opere a mediação da cultura e contribua para a apropriação do externo e de si.

Partindo da concepção de Vygotsky, Souza, Dugnani & Reis (2018) defendem a Arte como forma de mediação potente da conscientização e ressignificação da realidade. Dessa forma, também é possível pensar a arte como linguagem, conforme afirma Souza (2016, p.26):

Utilizar a arte como materialidade que favorece a expressão de afetos, pela apreciação de linguagens artísticas, como música, poesia, artes visuais e filmes, favorecendo, assim, a elaboração de emoções e sentimentos pela reflexão sobre os aspectos da obra; estimular os sujeitos à superação dos limites por meio da cooperação, propondo alternativas de ações que possam transformar uma situação social conflituosa na direção de encontros mais saudáveis.

Assim, podemos compreender a arte como favorecedora da expressão das emoções e dos afetos, como um modo de olhar a realidade e promover desenvolvimento, isto é, utilizamos a arte para aproximação ao objeto de estudo deste trabalho.

Apresentamos a seguir, uma breve exposição sobre a questão do refúgio e seu contexto histórico, tendo em vista a imensidão que envolve essa temática, contexto do nosso objeto de investigação. Nossa proposta é refletir sobre a importância do papel da língua na inserção de Adultos Refugiados na nova cultura.

Refugiados: uma breve história sobre o direito de migrar

Perguntas: O que quer dizer refugiado?

dirão: é quem teve as raízes arrancadas da terra.

Perguntas: O que quer dizer terra?

dirão: a casa, a amoreira, o galinheiro, a colméia, o cheiro de pão, o céu primeiro.

Mahmud Darwich.

Desde a Pré-história há indícios arqueológicos de deslocamentos humanos, motivados por diversas razões, como seca, inundações e falta de alimentos; ou por conflitos humanos provocados por disputas e domínio territorial, com interesses em recursos naturais, ou por considerar locais sagrados. Nos livros sagrados das religiões, como a Bíblia, “Êxodos” e a “Diáspora”, e o Alcorão, há relatos sobre deslocamentos humanos.

A Primeira Guerra Mundial gerou número grande de refugiados, a maioria de apátridas, pessoas que perderam sua nacionalidade de origem, ao ter o país invadido, ou porque o governo fez

o cancelamento da nacionalidade por razões políticas. Com o fim da guerra, foi elaborada a primeira organização internacional, a Sociedade das Nações (SDN), com sede em Genebra, na Suíça, que entrou em vigor em 1920 com o objetivo de solucionar problemas dos refugiados, ocasionados pela Guerra (Rodrigues, 2019).

A Segunda Guerra Mundial foi um momento em que as sociedades ocidentais identificaram a importância de se criar uma proteção universal, pois as pessoas sofriam perseguições. Após a criação da Organização das Nações Unidas - ONU, em 1945 -, e a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, estabeleceu-se que os direitos humanos deveriam prevalecer em qualquer circunstância. Então, todas as pessoas têm direito a vida, liberdade e igualdade (Rodrigues, 2019).

O refúgio é regulado no sistema global pela Convenção de 1951, e seu protocolo de 1967 reconhece como refugiados aqueles que migram forçosamente para outro país, devido a perseguição em seu Estado de origem, por causa de raça, nacionalidade, religião, opinião política, pertencer a um grupo social, refugiados são pessoas comuns, homens, mulheres e crianças que buscam refúgio em outros países para reconstruir suas vidas com dignidade (Galib, 2021).

Em 1951, foi aprovada a convenção de Genebra, sobre o Estatuto dos Refugiados, estabelecendo quem pode ser reconhecido como refugiado e que tipo de proteção pode receber no país de acolhida (Rodrigues, 2019). O mesmo autor ressalta que cada país tem a responsabilidade de criar condições para receber e proteger essas pessoas, como o órgão do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), órgão da ONU que defende e promove a proteção internacional dos migrantes e deve assegurar a proteção e promover ações para incluí-los.

No cenário de grande violação de direitos humanos, em decorrência de conflitos internos, foi aprovada a Declaração de Cartagena de 1984, a convite do Governo da Colômbia. Estudiosos e especialistas do ACNUR reuniram-se para buscar soluções para as pessoas afetadas com a crise envolvendo refugiados e deslocados internos na América latina, devido aos conflitos armados na Colômbia e na América Central- El Salvador, Guatemala e Nicarágua (Carneiro, 2012).

Esse documento recomenda ampliar a definição de refugiado, a fim de incluir vítimas de violações maciças dos direitos humanos. Por esse motivo, o ACNUR promove a cada 10 anos, desde 1984, encontros para discutir problemas e prioridades regionais sobre o tema (Rodrigues, 2019).

A definição, ou conceito, de refugiado recomendável para sua utilização na região é aquela que além de conter os elementos da Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967, considere também como refugiados as pessoas que tenham fugido de seus países porque sua vida, segurança ou liberdade foram ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública. (Declaração de Cartagena, 1984)²

Na primeira década do século XXI, o Acordo de Residência do Mercosul aprovou o direito

² Disponível em: <https://cartagena30.acnur.org/pt-br/antecedentes-e-desafios/> . Acesso em: 25.nov.2022).

à residência, ao trabalho e à seguridade social. Além desse documento, verificam-se avanços com medidas inovadoras que procuram contornar as restrições do Estatuto do Estrangeiro, marco legislativo da ditadura militar (Lei nº 6.815, ficou em vigor entre 1980 e 2017), essa legislação compreendia o imigrante como ameaça à segurança nacional. Entre as medidas adotadas para superação das limitações legais do Estatuto do estrangeiro, destaca-se: o Decreto 6.893/2009, que permitia a regularização, em 180 dias, aos cidadãos que tivessem ingressado no país até 01/02/2009; a emissão das Resoluções Normativas 77/2008 e 93/2010, que cediam autorização de permanência ao companheiro ou companheira, em união estável, independentemente do sexo, e visto permanente ou permanência no Brasil a estrangeiro considerado vítima de tráfico de pessoas (Cavalcanti *et al.*, 2022).

Acontecimentos de ordem social, econômica ou ambiental contribuíram com os fluxos migratórios para o Brasil. Na atualidade, duas nacionalidades servem como exemplos, haitianos e venezuelanos. Os primeiros, devido a catástrofes naturais: pós terremoto, em 2010, e furacões, Issac e Sandy, em 2012. Por sua vez, a crise econômica e social, na Venezuela, intensificou o fluxo para o Brasil, cujas portas principais foram Pacaraima e Bonfim, em Roraima (Cavalcanti *et al.*, 2022).

Marco significativo foi conquistado com a aprovação da Lei de Migração (nº13.445/2017), em vigor desde 2017, que trouxe inovações, ao tratar o movimento migratório como direito humano e garantir ao migrante, condição de igualdade com os nacionais e a inviolabilidade do direito a vida, liberdade, segurança e propriedade. Além disso, cria o visto temporário para acolhida humanitária, a ser concedido ao apátrida ou ao nacional de país que, entre outras possibilidades, se encontre em situação de grave e generalizada violação de direitos humanos – situação que possibilita o reconhecimento da condição de refugiado, segundo a Lei nº 9.474/1997. (ACNUR, a)

O relatório “Refúgio em número” mostra estatísticas sobre o deslocamento forçado de janeiro a dezembro de 2021, total de 89.3 milhões de pessoas no mundo, deslocadas à força abrangendo refugiados, requerentes de asilo e pessoas deslocadas. No Brasil, foram feitas 29.107 solicitações da condição de refugiado. Segundo o relatório da ACNUR, essas pessoas foram deslocadas à força no final de 2021 por perseguição, conflito, violência e violações dos direitos humanos (ACNUR, b).

Em 2021 houve aumento de solicitações em relação a 2020, mesmo diante de cenário adverso à mobilidade humana internacional. Isso é relevante na dinâmica brasileira do refúgio, pois se tratava do contexto da pandemia da Covid-19, doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV (OMS - Organização Mundial da Saúde). Medidas restritivas foram adotadas para a entrada de imigrantes, no entanto, houve controle das fronteiras no país, em virtude da pandemia, a partir de março de 2020 (Cavalcanti *et al.*, 2021)

Segundo Junger *et al.* (2022), os dados da OBMigra (Observação das Migrações Internacionais), as solicitações consideradas pelo CONARE (Comitê Nacional para refugiados), que está vinculado ao Ministério de Justiça em Brasília e é responsável por analisar as solicitações de

refúgio e decidir quem será reconhecido como refugiado, registraram no nordeste do Brasil o menor percentual de solicitações com apenas 0,4%, enquanto as regiões Sudeste (11,5%), o Centro-oeste (11,3%) e o Sul (3,9%). O Acre, norte do país, concentrou mais solicitações (47,8%), seguido por Roraima (14,7%) e Amazonas (9,4%). Na cidade de São Paulo, as pessoas que solicitam reconhecimento da condição de refugiado têm origem de diversos países, como: China, Haiti, Angola e Nigéria.

De acordo com o Ministério da Justiça, o refúgio é proteção legal internacional que adere a Lei nº 9.474/97, essa lei determina como é aplicada a proteção e como a condição de refugiado é reconhecida no Brasil. “É importante essa proteção específica, porque vidas, em situação de refúgio, correm risco e, quando se têm a condição de refugiado reconhecida pelo governo brasileiro, eles não podem ser extraditados, tampouco expulsos para o país de origem, é reconhecido mundialmente como *non-refoulement*, que significa “não devolução”.³

A Lei nº 9.474/97 - sancionada em 22 de julho de 1997 - é conhecida por seu caráter vanguardista, por ir além da definição do que é uma pessoa refugiada, referindo não somente os motivos por perseguição devido a raça, nacionalidade, religião e grupo político e social, mas também por compreender mais abrangente o conceito baseado na Declaração de Cartagena, a qual inclui graves e generalizadas violações de direitos humanos (ACNUR, c). Vale ressaltar que, por mais que a Lei nº 9.474/97 seja considerada inovadora, assim como afirma Pereira (2020), há lacunas no que se refere à ausência de políticas públicas para garantir integração local dos refugiados e, por esse motivo, foi promulgada a Lei Migração (Lei 13.445/ 2017), que almeja reparar e sanar as lacunas.

E, para o reconhecimento da condição de refúgio, é realizada uma análise do processo de refúgio e da condição de pessoa refugiada, sobre a qual a CONARE tem decisão, e o sujeito em condição de refúgio passa a ter autorização de residência por período indeterminado. No caso dos venezuelanos, quando chegam ao Brasil, podem escolher pela via do refúgio ou pela autorização de residência. E todo o processo para autorização de residência passa por análise documental, diretamente na Polícia Federal. É importante ressaltar que todos aqueles que são imigrantes no Brasil, têm os mesmos direitos a educação, saúde e trabalho, seja refugiado ou não.⁴

É importante mencionar que o pedido de reconhecimento da condição de refugiado, acontece por algumas etapas e não há prazo específico para a realização de cada uma, sendo que a análise da solicitação pode variar de acordo com a nacionalidade de cada sujeito, com a atualização cadastral que facilita o contato se houver necessidade, com a história de cada sujeito solicitante de refúgio, com a complexidade do caso e também com as informações disponíveis do país de origem. Neste sentido, a análise das solicitações podem levar em média três anos, podendo variar para mais ou menos. Enquanto o pedido de refúgio está em análise, os sujeitos que solicitaram o reconhecimento

³ Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/o-que-e-refugio>. Acesso em 15.out.2022.

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/o-que-e-refugio>. Acesso em 04.out.2022.

da condição de refugiado, possuem situação migratória regular no Brasil, uma vez que dispõem de autorização provisória de residência até a decisão final do Conare. (Ministério da Justiça e Segurança Pública).

Na cidade de São Paulo, o Centro de Referência e Atendimento aos imigrantes (CRAI) disponibiliza atendimento aos imigrantes e refugiados nos processos de regulamentação migratória e contam com o atendimento de funcionários imigrantes e refugiados que têm conhecimento em diversas línguas, e também experiência com os procedimentos de regularização migratória. (Migracidades, OIM).

Em 2022, a Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), organismo da Igreja Católica, juntamente à agência da ONU para refugiados (ACNUR) apresentaram a série trienal “Mapas de Georreferenciamento de Pessoas em Situação de Refúgio em São Paulo, atendidos em 2020, documento que possibilita identificar a concentração de solicitantes da condição de refugiados e pessoas refugiadas, com a intenção de mostrar a mobilidade da população e as nacionalidades distribuídas na capital paulista, na grande São Paulo e no Estado de São Paulo. Esse levantamento permite perceber a relação entre a estruturação da população migrante e identificação de necessidades que possam fundamentar a criação de políticas públicas (Ayres, 2022).

De acordo com Ayres (2022), os distritos paulistas de residência dos beneficiários, atendidos pela CASP, aconteceu em 66 municípios do Estado de São Paulo, a maioria residente na Capital Paulista e região metropolitana. Verificou-se propensão a ocupar a região Leste do município, como: Artur Alvim, Cidade Tiradentes, Cangaíba, Ermelino Matarazzo, Guaianases, Ipiranga, Itaquera, Jardim Helena, José Bonifácio, Lajeado, Penha, São Mateus, São Rafael, Sacomã, Sapopemba e Vila Prudente, os distritos mais habitados foram; Sé, República, Cidade Dutra, Sapopemba e Brás.

A nacionalidade venezuelana foi a mais atendida pela CASP, em 2020, distribuída em 49,47% do sexo masculino e 49,91% o sexo feminino, totalizando 2.492 atendimentos. Os distritos paulistas mais ocupados por essa comunidade de migrantes refugiados são; Cidade Dutra, São Mateus, Sapopemba (Ayres, 2022).

Para Souza & Almeida (2019) o número de refugiados cresce de forma ascendente, o que pode impactar a vida de pessoas em situações de refúgio e os países que os recebem, pois as questões relacionadas apresentam cenário mundial rápido e ativo, e a propensão é de que haja reconfiguração dos sujeitos que vivem em territórios de guerra e conflito.

Método

Esta investigação insere-se no campo dos estudos de natureza qualitativa, caracteriza-se como pesquisa-intervenção de natureza participativa, visto que tem a intencionalidade de transformar a realidade. Esse modo de fazer pesquisa visa a produzir conhecimento sobre os

fenômenos investigados e oferecer subsídios para o desenvolvimento de práticas promotoras de transformação das condições de vida dos sujeitos (Souza, 2019, p.362.).

A pesquisa se apoia nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico Cultural, defendidos por Lev. S. Vygotsky, que utiliza o materialismo histórico-dialético como base, conforme apontam Souza e Andrada (2013), “estão alicerçados no estudo do psiquismo a partir da análise dialética da atividade humana, nas relações estabelecidas a partir das situações de trabalho e na realidade histórica.

Nesse sentido, compreender os fenômenos – a partir do referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético – permite compreendê-los em seu processo de constituição.

O que nos importa não é apenas o resultado da pesquisa, interessa também o processo, uma vez que “o fenômeno investigado só poderá ser apreendido por uma análise histórica em que se busca compreender suas transformações ao longo de sua existência” (Souza, 2020, p.693). Assim como para Vygotsky (1927/1996) o método na Psicologia é mais que um conjunto de procedimentos, ele está, também, em unidade com o modo de leitura da realidade.

Aguiar e Machado (2016), que partem do mesmo fundamento, sugerem algumas categorias para a compreensão da realidade, entre as quais se destacam os sentidos e os significados. As duas categorias formam a unidade dialética, não se pode falar de sentidos, sem considerar o significado. Os sentidos são da ordem do privado, do subjetivo, e derivam das relações sociais que o sujeito estabelece no mundo. Os significados, com caráter mais universal, tornam possível a generalização para que a comunicação na sociedade possa ocorrer, e as experiências humanas possam ser compartilhadas. Acreditamos que, ao possibilitar ambientes em que os refugiados possam se expressar, será possível acessar os significados que eles atribuem à aprendizagem, à língua e à realidade, nos aproximando das zonas de sentido dessa experiência para cada um.

Contexto

A presente pesquisa é desenvolvida na cidade de São Paulo- Capital. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵. São Paulo tem população estimada de 11.253.503, no último censo de 2010.

A pesquisa foi desenvolvida em uma ONG, que se dedica ao atendimento de imigrantes e refugiados. O espaço é composto por 6 quartos masculinos e dois femininos, sendo um para mães e gestantes; e outro para as mulheres solteiras; além de um quarto de acessibilidade para idosos. O espaço é composto também por uma sala de tv e 1 salão de beleza.

Contém duas lavanderias, uma masculina e outra feminina, as quais ficam disponíveis para uso de segunda-feira à quinta-feira, das 7h às 10h e das 16h às 18h, na sexta-feira o horário é das 7h

⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acesso em: 24.out.2022.

às 10h. O espaço disponibiliza 1 banheiro feminino e outro masculino.

Possui 1 cozinha, 1 refeitório e 1 lactário para lavar as mamadeiras, eles oferecem três refeições por dia, o café da manhã fica disponível das 5h30 às 6h45; o almoço das 11h45 às 12h45 e o jantar, das 17h45 às 18h45.

Em relação aos banheiros, são 2 masculinos e 2 femininos, também tem horário para o banho, os banhos das crianças e bebês ficam disponíveis das 8 horas às 8h30, para as mulheres das 16h às 17h50; e, para os homens, das 19h15 até 21h. O espaço disponibiliza 4 salas de aulas, 1 sala de informática e uma quadra de futebol.

Em relação aos funcionários, são 12 na limpeza, 5 deles imigrantes; na cozinha trabalham 13 pessoas das quais 9 são imigrantes. A recepção é composta por um quadro de funcionários que trabalham 12 horas por 36 horas, são 26 no total (8 imigrantes). Quando alguns imigrantes/refugiados que estão acolhidos precisam de acompanhamento médico, são estes funcionários, chamados de orientadores, que apoiam o deslocamento e os contatos.

A equipe também é composta por 1 psicóloga, 4 assistentes sociais, 1 gerente e 1 gerente administrativa. A ONG recebe voluntários: 2 psicólogos e um grupo de 4 professores que ministram aula de português aos sábados.

A organização tem capacidade para abrigar 200 pessoas, que podem ficar até 9 meses, período que a ONG considera suficiente para que eles possam arrumar emprego e moradia, e também disponibilizar vaga para novas pessoas que por ali chegam à procura de abrigo. Atualmente são 141 imigrantes/ refugiados, dentre eles 11 meninos e 6 meninas; 85 homens e 39 mulheres, 7 delas grávidas (uma grávida de gêmeos).

Atualmente o espaço abriga pessoas de diferentes nacionalidades, procedentes de países como; Líbia, Marrocos, Venezuela, Egito, Angola, Colômbia, Guine Bissau, Sudão, Bolívia, Síria, Burkina-Faso, Líbano, Argélia, Jordânia, Peru, Argentina, Congo, Itália, Haiti, África do Sul e Afeganistão

Participantes

Fizeram parte desta pesquisa três venezuelanos, entre 30 e 60 anos, que vivem em condição de refúgio no Brasil. Os participantes e dados considerados relevantes compõem a descrição a seguir (Tabela 3):

- Pillar – 30 anos, com curso Superior incompleto em Psicologia, mora sozinha nos arredores da ONG, a família dela ficou toda na Venezuela. Trabalha na ONG no setor de limpeza.
- Sr. Garcia - 60 anos, concluiu o curso fundamental e reside na ONG. Está no Brasil sem a família, e parte dela vive no Panamá. Está desempregado.

- Galeano - 37 anos, formado em engenharia, exercia a função na Venezuela. Mora na ONG, está sem a família e sem emprego. No Brasil, realiza trabalhos como ajudante em construção de obras.

Os critérios para inclusão dos participantes é que fossem sujeitos refugiados de mesma nacionalidade, abrigados na ONG, em que a pesquisa foi realizada, e ter dado o consentimento, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo). E o critério de exclusão é a manifestação de recusa em participar da pesquisa.

Tabela 3: identificação e informações dos participantes:

Nome	Idade	Escolaridade	Gênero
Pillar	30 anos	Superior incompleto	feminino
Sr.Garcia	60 anos	Fundamental completo	masculino
Galeano	37 anos	Superior completo-Engenharia	masculino

Procedimentos e Materiais

Os dados foram coletados nos encontros com os Imigrantes e Refugiados, que aconteciam semanalmente com 2 horas de duração. Foram realizados 20 encontros, do início de agosto de 2021 a início de dezembro de 2021. As atividades desenvolvidas tinham como objetivo produzir narrativas a partir das temáticas que eram levadas e levantadas em grupo. Os encontros não tiveram sempre os mesmos participantes, devido à impossibilidade de os participantes estarem presentes por diversas razões, a saber; surgiram oportunidade de trabalho temporário no mesmo dia em que os encontros aconteciam, alguns precisavam resolver questões burocráticas no banco, outros saíam em busca de emprego e por final, entre o período de outubro e novembro muitos dos participantes migraram para outro estado, atendendo a propostas de trabalho.

Também realizamos entrevistas semiestruturadas com os sujeitos individualmente, devido aos participantes não ingressaram nesta pesquisa ao mesmo tempo, à medida que eles iam chegando na ONG eram convidados a participar dos encontros e da pesquisa, caso não tivessem interesse em participar da pesquisa, eram bem-vindos ao grupo para participar das atividades. Segundo Minayo e Costa (2018) as entrevistas semiestruturadas possibilitam acessar os dados da pesquisa ao mesmo tempo que proporciona um espaço para a expressão reflexão do entrevistado. O roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice A) foi elaborado especificamente para esta pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo), o qual contém informações sobre o funcionamento das entrevistas e dos possíveis encontros grupais e o contato (e-mails e telefone) da professora-pesquisadora, foi entregue e a leitura foi feita em conjunto. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente e tiveram duração média de 01h30 (uma hora e trinta minutos).

Os encontros foram gravados em áudio e, posteriormente transcritos, além disso, foram registrados diários de campo, a fim de assegurar uma aproximação efetiva das expressões dos sujeitos.

Como estratégia de reflexão, foram utilizados nos encontros grupais diferentes materialidades de natureza artística, como: documentário, vídeos, fotografias, pinturas, música, poema e literatura com temas relacionados a imigração e refúgio e, questões disparadoras que os convidaram a pensar e falar sobre o cotidiano. Os nomes dos participantes são fictícios a fim de preservar a identidade de cada um. Como defende Souza (2016), ao inserir atividades de natureza artística, abre-se a possibilidade para a mudança no ritmo da vida cotidiana caracterizado pela repetição e favorecedor da alienação. Desta forma utilizar a arte como materialidade favorece a expressão de afetos, colaborando assim, para a elaboração de emoções e sentimentos, possibilitando aos sujeitos ampliar sua reflexão sobre o modo de agir e ser no mundo.

Considerações éticas

Esta pesquisa tem como fundamento ético as diretrizes e normas regulamentadas pela resolução 510/2016 do conselho Nacional de Saúde (CNS), no que diz respeito às pesquisas com seres humanos . Assim, foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com vistas de seguir os compromissos éticos, com cuidado e rigor em pesquisa, tem aprovação conforme o parecer número 5.325.553.

PARTE 2

Resultados e discussão

Retomando o objetivo deste trabalho de investigar o papel da apropriação da língua para a inserção e inclusão de adultos refugiados na cultura, nos empenhamos, a seguir, à análise das informações compostas por meio de entrevistas realizadas individualmente com cada participante de modo presencial, além dos dados resultantes de encontros presenciais onde atividades de natureza artística foram oferecidas com a intencionalidade de promover a participação, a reflexão e a expressão dos envolvidos. Foi realizada leitura aprofundada das entrevistas e das atividades para identificar os temas; isso nos levou à construção de três grandes categorias: “razões para migrar”, “país que acolhe” e “a importância do domínio da língua”.

A primeira categoria de análise, razões para migrar, justifica-se por apresentar as questões envolvidas no refúgio, sejam motivos de perseguição, conflito e violência ou violações dos direitos humanos, sobretudo daqueles que viviam na América Latina. Ao chegarem ao Brasil, país acolhedor, sobrevivem às desigualdades sociais, enfrentam o desemprego e a falta de moradia digna; e, por fim, para serem inseridos na sociedade, o domínio da língua é fundamental, pois a linguagem é central nas relações sociais, uma vez que tem a função de comunicar, produzir cultura e planejar a ação.

Os trechos das entrevistas e das atividades com materiais artísticos desenvolvidos com os participantes nos direcionaram a escolher “razões para migrar” como uma das categorias de análise, dada a recorrência das falas dos sujeitos. Para melhor compreender seus sentidos e significados destacamos alguns indicadores que constituem essa categoria: razões para migrações, a situação do refugiado antes do refúgio, as dificuldades para sair do país de origem, a busca de um lugar para viver e o sonho do refugiado em voltar para seu país.

CAPÍTULO 1 RAZÕES PARA MIGRAR

*O caminho subia e descia, ondulava, ziguezagueava,
espichava, ramificava em caminhos inúmeros
que davam no começo, quantas vezes vamos recomeçar do começo?
Mahmud Darwich- Da presença a ausência*

1.1 Uma breve história da Venezuela

Os participantes desta pesquisa não tinham nenhuma referência em São Paulo quando chegaram, eles mencionam fatores políticos e econômicos na Venezuela como justificativa para sair do país e, ainda que com poucas condições de refazer a vida, seguiram em busca de melhores condições para viver. De acordo com Silva & Baeninger (2021), o fluxo migratório ocasionado na Venezuela com destino a vários países, sobretudo países latino-americanos, é a mobilidade humana mais expressiva das Américas na contemporaneidade.

A fronteira entre Venezuela e Brasil tem 2.199 km de extensão e encontra-se a maior parte em áreas de floresta ou reservas, sejam elas biológicas ou indígenas. Essa região de fronteira tem baixa densidade demográfica e praticamente nenhuma estrutura de contato entre os dois países (Pelot, 2018). Visto que a ausência de interação entre a população dos dois países é desfeita na região das cidades de Santa Elena Uairén, na Venezuela, e Pacaraima no Brasil, a cidade de Santa Elena Uairén está localizada na região conhecida como La Gran Sabana, uma região que atrai turistas. E somente entre essas cidades há uma rodovia, que unifica estruturalmente esses dois países, com isso, torna-se a principal via de acesso de pessoas entre os dois países. (Silva e Baeninger, 2021). A cidade de Pacaraima foi dependente de Santa Elena por ser uma cidade com boas ofertas de bens e serviços. A propósito, pode-se destacar que o movimento migratório específico da região já foi marcado pela ida de brasileiros para a Venezuela, movidos pelo desejo de construir uma vida melhor e próspera, sobretudo por meio do garimpo (Cruz, 2014).

As migrações na Venezuela foram estabelecidas por um extenso período pela vinda de migrantes oriundos de diversas nacionalidades, dentre eles países da América do Sul e do Caribe, somando os Colombianos que escapavam dos conflitos e da violência que os consumiram no século XX, acrescentam-se também os Argentinos. Soma-se a isto, não só os americanos, mas pessoas de países de outros continentes, como Espanha e Portugal, os quais foram marcados durante o século XX por ditaduras que refletiam um atraso democrático e econômico. Além dos Italianos que migraram especialmente da região sul da península itálica, local com menor desenvolvimento econômico em relação ao norte do país (Silva, 2017).

No entanto, essa conjuntura muda em decorrência da crise econômica e social que marca a Venezuela a partir dos anos 1980, em especial durante os anos 1990, período em que começam a

ganhar importância com a saída de pessoas do país, desde aqueles que emigraram anteriormente para a Venezuela como os próprios venezuelanos, indo para outras localidades (Silva, 2017). De acordo com Tomás Pães (2015), no que se refere a esse período, desde o final dos anos 1990 até 2014, milhares de venezuelanos deixaram o país, por consequência das crises econômica, social e política.

Os movimentos migratórios, na era Chávez, foram de pessoas predominantes das classes sociais mais ricas e com maior escolaridade. Em decorrência de sua morte, ocorreu uma tensão política que abalou ainda mais a economia, já em dificuldades, ocasionando uma grave crise de abastecimento e um acelerado processo inflacionário, aumentando o nível de violência dentro do país. Conseqüentemente, no período do governo Maduro, com início em 2015, as migrações se intensificaram em virtude dos graves problemas de abastecimento de produtos básicos que faltavam nas prateleiras dos estabelecimentos comerciais, bem como o processo inflacionário que dificulta o poder de compra da população (Silva, 2017).

Diante disto, vale a pena mencionar como sucedeu o processo de migração venezuelana para o Brasil. A migração envolve distintos grupos sociais e ocorre em três diferentes momentos: o primeiro movimento, acontece entre 2000 e 2015 e constitui-se de trabalhadores altamente capacitados que escolhem como destinos as grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo; o segundo momento, passa-se nos anos de 2016 e 2017, e, envolve os venezuelanos de classe média que atravessam a fronteira terrestre por conta própria, em busca de outras cidades brasileiras e, por fim; o terceiro movimento, que ocorre a partir de 2018, caracteriza-se por uma população empobrecida centralizada em Roraima, norte do país (Baeninger, 2018a).

Além disso, parte desse movimento ocorre na fronteira entre os dois países, entre as cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén (Silva, 2017). Dessa forma, é esta população empobrecida que atravessa a fronteira e chega por via terrestre até Roraima e depois continua o trajeto até chegar em São Paulo, que abordaremos aqui. Bem como, vamos encontrar esclarecimentos através da fala de Galeano, que segundo ele, a migração aconteceu em três momentos, além disso com sua vivência sobre o processo de migração na Venezuela, nos relata a seguir:

“A imigração na Venezuela se deu em três partes. Os primeiros os profissionais, depois, 2007, que os gringos levaram. Os EUA pegaram os profissionais melhores, bom e levou, depois foi embora aquele que roubava dentro do governo, que roubaram, roubaram, fizeram dinheiro e, os terceiros, que foram embora, porque perceberam que o negócio já estava ruim, que tinha um carro, venderam e foram embora, aí entrou eu, aí a coisa já estava ficando no chão, a fome, e todo mundo saindo até a pé, porque não tinha comida, era um negócio doido”.

A realidade social, política e econômica na Venezuela, são as razões pelas quais os venezuelanos estão sendo obrigados a deixar o país de origem e deslocarem em busca de sobrevivência e condições melhores de vida.

Devido à possibilidade da solicitação de refúgio para entrar no Brasil, em razão do aumento da entrada de venezuelanos no país, os pedidos aumentaram, porém, vale destacar que há um esforço

dos governos para o não reconhecimento do refúgio, especialmente pelas exigências e direitos que esta situação jurídica atribui. Além do que, a maioria dos venezuelanos no Brasil, possuem visto de residência temporária, e as solicitações de refúgio são maiores do que as permissões de refúgio no país. Por certo, não há dúvidas de que esta situação política e econômica pela qual a Venezuela passa pode ser um causador de refugiados. (Jubilut, Silva, 2020; Martino, Moreira, 2020).

1.2 A situação do refugiado antes do refúgio

A Venezuela é um país com enorme reserva de petróleo, nos anos 1970 ofereceu muitas oportunidades de trabalho devido ao crescimento econômico, como por exemplo, possibilidades de empregabilidade e exploração da reserva de petróleo que o país possui (Silva, 2017). A esse respeito, observe-se a expressão de Galeano, quando resgata, através da literatura, afetos vivenciados em sua cidade, ao mencionar seu livro preferido.

“Meu livro preferido é Casas muertas, de Miguel Hótero Silva- porque fala da fundação da minha cidade, uma novela. El Tigre, minha cidade é petroleira, você vê cano ao redor, torres de perfuração, esse era meu trabalho, armador de torres de perfuração, operador de torres, trabalhei com meu pai toda vida, eu trabalhava e estudava, me formei lavando parafuso, levando pancada, tudo sujo”.

O sujeito que vive em condições de refúgio, antes de chegar ao país de destino, teve de deixar sua terra de origem, sua família, seus amigos, seus sonhos e os projetos de vida com os quais havia sonhado e idealizado para si ou para a família, assim como traz Galeano em seu depoimento ao relatar as experiências vividas sobre seu cotidiano e lugar de pertencimento. Heller, (2004, p: 17) diz que “a vida cotidiana é a vida de todo homem, é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade”. Ainda para concluir a relevância do cotidiano na vida humana, as autoras, (Souza e Almeida, 2019, p.175) mencionam:

o homem é um ser social e necessita de segurança, proteção e de convívio com seus familiares; de ter uma sistematização de vida cotidiana e, muitas vezes, isso se perde quando ele deixa seu país de origem e busca refúgio em outro país no qual, grande parte das vezes, não domina a língua.

Portanto, a importância de olhar para cada sujeito que vive em condições de refúgio, como um ser que traz sua história e que antes de atravessar fronteiras enfrentando as problemáticas da travessia, tinha uma vida inteira no seu país, a qual foi obrigado a deixar para trás.

1.3 As dificuldades para sair do país de origem

A reprodução, que deu origem às expressões de Pillar, faz parte de um trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado⁶ o qual aborda questões sobre deslocamento de sociedades, seja por conflitos ou fome. A proposta apresentada por meio de imagens, tinha como objetivo facilitar a participação de todos, em virtude de diferentes nacionalidades que compunham o grupo dos participantes da pesquisa. Eram faladas diversas línguas que falavam e compreendiam. A proposta é que a imagem facilitasse suas expressões, escritas ou faladas. Ao final, compartilhavam suas produções no grupo. Abaixo a imagem e as narrativas de Pillar.

Imagem 1 – Êxodos (Sebastião Salgado)



"Uma viagem- as pessoas precisam fazer uma travessia e vão caminhando porque não podem ir de outra maneira, vão pelas montanhas".

Por meio da materialidade, Pillar nos traz narrativas de realidade na qual se insere o sujeito refugiado que precisa cruzar a fronteira em busca de um lugar para viver, abrindo assim um caminho para se expressar sobre as questões do refúgio, que são tão pertinentes e atuais, assim como abre espaços para dialogar em uma nova língua na cultura a qual está inserida. Logo abaixo, Pillar acrescenta:

"Eu vim por Colômbia para buscar trabalho, passei por Equador por 6 meses, fiquei na fronteira do Peru por 3 meses, na ponte que faz fronteira entre Assis e Peru. Eu saí com quatro pessoas da Venezuela, colegas, conhecidos da minha

⁶ Sebastião Salgado fotógrafo brasileiro aborda questões sobre povos em deslocamento no livro Êxodos (1999).

família. Quando chegamos em Lima na capital do Peru não sabíamos que tinha a pandemia, a Covid-19, fizeram exame de covid. Nós pegamos coito para sair do Peru, mas nos roubaram, nós não tínhamos documentos para ficar no Peru”.

Pillar expressa em suas falas como a sua partida não foi planejada, fato que acontece com muitos refugiados que precisam sair às pressas de suas casas, levando somente o que conseguem carregar, assim como não foi planejada a travessia entre os países de origem e de acolhida.

De acordo com Vygotsky “arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida” (1999, pp. 328-329). Parece que a apreciação da reprodução da fotografia que retrata um grupo de pessoas em movimento migratório suscita em Pillar a possibilidade da expressão de suas vivências e do diálogo, revelando a potência da materialidade artística no favorecimento da expressão subjetiva dos sujeitos. Ao ampliar o diálogo sobre o fenômeno em questão, abre caminho para si própria e os outros participantes do grupo para olhar de novo para a realidade que os cerca e toda essa comunicação acontece numa tentativa também de falar uma nova língua.

1.4 O sonho do refugiado de voltar para a Venezuela

A proposta de assistir ao documentário “nunca me sonharam”⁷, tinha como objetivo promover a fala e a escuta a partir das reflexões levantadas pelo grupo, os participantes eram sempre estimulados a participarem dos diálogos e escreverem sobre suas impressões nos encontros. O Sr. Garcia compartilha com o grupo sobre algumas cenas do documentário que lhe chamaram mais a atenção e reforça a semelhança do título do documentário ao seu desejo de voltar para a Venezuela, como podemos ver a seguir:

“Nunca me sonharam com aprender alguma disciplina profissional, nem engenharia, nem eletrônica, medicina, advocacia, encanador, piloto, artes e ciências navais, enfermagem, polícia militar, político, pastor de almas e de ovelhas, maestro e professor. Agora o sonho da minha vida é voltar para a Venezuela”.

O Sr. Garcia foi obrigado a deixar sua casa por consequência da crise econômica, social e política a qual atravessa a Venezuela e cruzou a fronteira em busca de proteger a vida. A condição de refúgio, como afirma Souza e Almeida (2019, p.175) “produz no sujeito “expulso” de seu país, a perda da referência de pertencimento”. Por isso, o sonho do refugiado é voltar para sua terra natal. O depoimento contundente do Sr. Garcia, que expressa seu sofrimento ao longo da vida visto não

⁷ O documentário mostra a realidade de adolescentes de camadas mais empobrecidas em todas as regiões do Brasil, colhendo seus depoimentos sobre suas condições de vida e perspectivas de futuro. O título “Nunca me sonharam” deriva da fala de um dos adolescentes ao se referir às expectativas de seus familiares em relação ao seu futuro. Diretor: Cacau Rhoden. Disponível em plataformas de *streaming*.

ter uma profissão que lhe garantisse melhores condições de vida em seu próprio país, chama a atenção como seu sofrimento pode ser ainda maior, quando é obrigado a enfrentar uma vida nova em país desconhecido, sem uma profissão que pudesse facilitar sua inclusão na cultura. Daí o que resta é alimentar o sonho de retornar a terra Natal, o que parece também improvável de se realizar.

Com todos os percalços enfrentados para atravessar a fronteira como já vimos até aqui, além disso, também sobrevivem as desigualdades sociais, encaram o desemprego e carecem de moradia digna. Veremos a seguir como o país que acolhe tem recebido esses sujeitos em condição de refúgio.

CAPÍTULO 2 PAÍS QUE ACOLHE

*Saudade é saudade das palavras pelo primeiro reinado,
mesmo se obscuro e remoto aos outros,
mas eu-dizes contigo mesmo-prefiro ser estrangeiro exilado
a ser forasteiro em casa, que é isto que se requer do êxodo.*

Mahmud Darwich- Da presença a ausência.

As solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, no Brasil em 2021, somaram 29.107. Constatou-se um acréscimo de 208 solicitações em relação a 2020, o que constitui dado expressivo para entender o funcionamento brasileiro do refúgio, no contexto da pandemia da Covid-19. Isso porque, em 2020 e 2021, o deslocamento das pessoas foi limitado, e as fronteiras controladas (a partir de março de 2020), como medida sanitária que restringiu também a entrada de imigrantes. (Cavalcanti et al 2022).

Entretanto, mesmo com as restrições, esse aumento é revelador de que o fenômeno da imigração, com grande aumento no mundo, também é crescente no Brasil. Cabe questionar, no entanto, que condições o Brasil tem oferecido a essas pessoas que deixam seus países pela impossibilidade de continuar suas vidas na terra natal e deslocam-se para este país, na esperança de encontrar condições de vida mais dignas e seguras. Segundo o que expressam os participantes, a pandemia produziu consequências a essa inserção.

2.1 As condições de vida do refugiado e os agravantes dessa condição

A pandemia estragou tudo, se você era pobre, é pobre ainda, se era classe média, virou quase pobre, por isso que eu fiquei lá no Acre, porque era para eu ter saído de lá, senão eu ia me submeter a escravidão, era o que eu pensava, para onde eu vou? Eu estou no Brasil faz cinco anos e na ONG 3 dias e 3 meses em São Paulo, primeira vez que moro em um albergue, sempre morei em casa, morava sozinho.
(trecho da fala de Galeano sobre sua experiência no Brasil)

Em 2021, o Acre obteve o maior número de solicitação de reconhecimento da condição de refugiado, seguido por Roraima e Amazonas, todos estados da região norte do país. Dentre as pessoas que fizeram as solicitações, 40.297 eram haitianas, e 9.720 eram venezuelanas (Junger et al, 2022).

Na entrevista, Galeano fala sobre as experiências e os anseios que vivenciou, quando estava morando no Acre, sudoeste da região norte do Brasil, no período em que o mundo vivenciou a pandemia. A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi avisada em dezembro de 2019 sobre casos de pneumonia em Wuhan, província de Hubei, na China, um tipo de coronavírus nunca identificado antes em seres humanos dominaram o mundo. Em 2020, as autoridades chinesas constataram que um novo tipo de coronavírus foi identificado e estava por toda a parte, o novo coronavírus recebe o

nome de *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 SARS-CoV-2*, responsável por causar a COVID-19, doença que provoca efeitos graves na saúde das pessoas. (OPAS) 2022.

Na fala de Galeano é possível perceber o quanto a pandemia evidenciou ainda mais as desigualdades sociais e revelou como os grupos mais vulneráveis são os primeiros a enfrentar diferentes formas de dificuldades. Quando Galeano diz, “porque era para eu ter saído de lá, senão eu ia me submeter a escravidão”, por mais que ele não diga de uma maneira explícita, pode se dizer aqui que o não domínio da língua pode levar o sujeito a se submeter a trabalhos análogos à escravidão, uma vez que - no Brasil - ainda persistem semelhantes condições de trabalho, sobretudo no interior longínquo das grandes cidades, em que a herança da escravidão se manifesta nas relações entre patrões e empregados.

No caso dos imigrantes, entendemos que estão ainda mais vulneráveis a essa forma de relação, visto que o não domínio da língua impede-lhes de acessar as informações sobre seus direitos como trabalhadores. Para Vygotsky (2010) o meio é condição de desenvolvimento e, partindo dessa compreensão, Souza (2016) afirma que só é possível pensar o desenvolvimento e a aprendizagem, considerando o meio no qual o sujeito está inserido. A linguagem faz parte da cultura do sujeito, é através dela que o sujeito se relaciona, pois, ao compreender a língua, compreende a cultura.

Ainda sobre a fala “porque era para eu ter saído de lá, senão eu ia me submeter a escravidão”, parece possível relacionar ao que diz o sociólogo Souza (2017, p.102) sobre as classes sociais que formaram o Brasil, “a ralé de escravos” - aqueles que integram todas as cores de pele e ganham o desprezo social - que continuam a ser explorados, tendo o corpo como recurso de trabalho, ficando horas em pé, exercendo função de mão de obra pesada.

Galeano conta que está na ONG e nunca morou em albergue. Como já mencionado, trata-se de instituição não governamental que presta atendimento à população de imigrantes e refugiados. Devido ao abrupto surgimento da pandemia, o local ficou lotado, tentando funcionar com a capacidade de abrigar aquelas pessoas de forma segura, conforme as medidas de prevenção, orientadas pela OMS.

Com a pandemia, ocorreu o fechamento do comércio, e muitos ficaram desempregados, Galeano estava entre os forçados a conviver em espaço coletivo, desempregado e enfrentando os desafios da pandemia. A desigualdade social passa a ser uma grande marca, principalmente na América Latina que tem contraste de riqueza e pobreza, opressão e violência.

2.2 Os sentimentos vividos pelos refugiados

O Brasil tem enfrentado altas taxa de desemprego, segundo dados do IBGE (2022), no segundo trimestre de 2022, havia mais de 10,1 milhões de desempregados e cerca de 4,3 milhões de desalentados. São consideradas desalentadas, pessoas que gostariam de trabalhar, no entanto, não

procuraram trabalho por acharem que não encontrariam. São vários os motivos que levam as pessoas a desistirem de procurar trabalho, como por exemplo; falta de vagas na localidade de moradia, inexistência de oportunidade adequada à qualificação, ser considerado muito jovem ou idoso, ou, não ter experiência profissional ou qualificação. Já a categoria desempregado refere-se às pessoas com idade para trabalhar (acima de 14 anos) que não estão trabalhando, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho, além disso não são consideradas desempregadas; universitário que dedica tempo integral aos estudos, dona de casa que não trabalha fora e empreendedora que possui negócio próprio.

A partir dessas informações podemos pensar sobre as preocupações que afligem o Sr. Garcia, quando diz que está saturado de tanta informação, ao sair de um país que enfrentava a fome e a falta de trabalho e adentrar em uma nova cultura, novo país com um cenário de desemprego e com as complicações de uma pandemia.

Nessa frase podemos entender um tom de lamento – e, talvez, de angústia - por ter de conviver com a realidade. O Sr. Garcia tem 60 anos, está em um país estranho, longe de familiares e amigos, precisa compreender uma nova língua, as regras que são estabelecidas pela ONG, procurar um novo emprego, e não basta aqui apenas ter um trabalho, mas as condições precisam ser dignas para que possa se sustentar, pensar em uma moradia para recomeçar. Tal situação sugere que ele foi “bombardeado” por novas circunstâncias e precisa tentar se adaptar.

Quando observamos as falas de Sr. Garcia e de Galeano percebemos que, além das preocupações e angústias que enfrentam no cotidiano, como a falta de trabalho e moradia, ainda precisam sobreviver à própria condição de refúgio, conviver no coletivo, dividir os espaços e superar uma pandemia que matou mais de 690 mil pessoas no Brasil, segundo os dados do DATASUS (dez 2022).

A pandemia mostrou as fragilidades da saúde pública e da proteção social, ampliou a desigualdade social em diferentes contextos da vida cotidiana, das condições de moradia, das vulnerabilidades de emprego, o espaço público tornou-se um espaço de insegurança (Souza, Guzzo e Ferreira, 2022).

“Sou refugiado humanitário, por isso posso voltar à Venezuela”. O Sr. Garcia comenta sobre o Afeganistão, diz que sentiu pena em ver, nas fotos no jornal, as pessoas tristes. Acrescentou que dava para perceber a tristeza {é muito triste separar as famílias}. Ao olhar as imagens do livro sobre refugiados, diz: é assim mesmo, as pessoas pegam tudo que podem carregar. O livro Refugiados⁸ de Ilan Brenman retrata diferentes povos que são obrigados a deixar o país de origem por motivos diversos, trata-se de uma narrativa visual, utilizada com o objetivo de promover participação, reflexão e expressão dos participantes sobre o tema.

⁸ Livro: Refugiados/ Ilan Brenman, 2019.

Usamos a arte como materialidade mediadora, para acessar experiências e tocar os afetos dos sujeitos, provocar ação com a intenção de ser colaborativa e transformadora. Tal como proposto por Souza (2016: 33), “ao tocar os afetos, a arte favorece a superação da reprodução de discursos, por não suscitar respostas ou defesas, por não pressupor reações ou expressões corretas”.

Quando o Sr. Garcia diz: “é muito triste separar as famílias” e “é assim mesmo: as pessoas pegam tudo que podem carregar”, ele relaciona com situações vivenciadas por ele, sobre as condições de vida atual. Podemos convergir isso com o que expressa Arendt no texto “We Refugees”, “um belo dia, já não nos convinha ficar ou por razões puramente econômicas. Queríamos reconstruir nossas vidas” (1943: 264).

Ainda sobre a fala do Sr. Garcia Sou refugiado humanitário, por isso posso voltar à Venezuela”, enseja que ele expressa o desejo (e com significativa esperança) de voltar ao seu país de origem, enquanto também se pode inferir que aquelas pessoas (em condição de refúgio) não podem retornar, presas a um lugar, uma cultura que não escolheram, mas - por circunstâncias diversas - estão obrigados a entrar. Também se pode interpretar que cada sujeito refugiado vive o refúgio de maneira diferente e singular.

Aguiar e Ozella (2013) ajudam a entender isso, ao afirmarem que não é possível compreender a subjetividade e as significações dos sujeitos da pesquisa, se não forem analisados as condições e os acontecimentos que constituem a relação sujeito-meio. Mesmo com todas as dificuldades que o Venezuelano enfrenta, o Sr. Garcia deixa, nas entrelinhas, um certo alívio em saber que pode voltar.

Parte significativa dos solicitantes de refúgio, no Brasil em 2021, foi de nacionalidade venezuelana ou pessoas que têm a Venezuela como país habitual, foram 22.856 solicitações (Junger et al, 2022).

“Estou gostando muito”. Essa é a frase de Pillar, sobre sua percepção de viver em um novo país, mencionada no tópico razões para migrar. Pillar veio da Venezuela, fez um percurso com um grupo de amigos até certo ponto da viagem; e, depois, cada um seguiu seu trajeto.

Pillar trabalhava para o governo venezuelano, e faltava menos de dois anos para concluir a faculdade de psicologia. Sua chegada ao Brasil foi por terra, ficou morando na ONG, que acolhe imigrantes e refugiados, por um tempo; conseguiu emprego como ajudante de cozinha e de limpeza na mesma ONG. Hoje mora sozinha nos arredores da instituição.

De acordo com Vygotsky, (2009: 481):

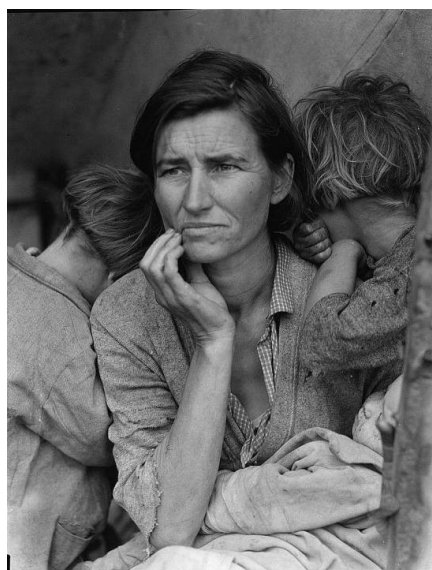
para entender o discurso do outro, nunca é necessário entender apenas umas palavras; precisamos entender o seu pensamento. Mas é incompleta a compreensão do pensamento do interlocutor sem a compreensão do motivo que o levou a emití-lo.

Isso porque, para o autor, o pensamento é causado pela motivação, ou seja, por desejos e necessidades do sujeito, interesses e emoções. Os motivos para Vygotsky têm relação com os afetos (2009). Dessa forma, quando Pillar diz: Estou gostando muito, leva-nos a questionar quais motivos

internos movem-na a expressar esse “desejo” por gostar da sua nova vida no Brasil. Talvez sua história e a trajetória, vivenciadas desde o país de origem até o momento, porque mesmo enfrentando um cenário com tantas desigualdades, como o atual, parece ainda visualizar possibilidades de construir um sentido para viver aqui.

Para Sawaia (2009: 365): “por trás da desigualdade social há vida, há sofrimento, medo, humilhação, mas também há o mais extraordinário milagre humano: a vontade de ser feliz e de recomeçar ali onde qualquer esperança parece morta.” Mesmo gostando de viver no Brasil, isso não alivia a dor de ter deixado sua cultura, ao acrescentar: “Sinto muita falta da minha mãe, da minha família, eu fazia música e campanha para o governo, mas tive que fugir, não concordo com o governo”.

Para Souza, Petroni e Andrada (2013), o desenvolvimento humano está relacionado ao seu ambiente histórico e social, e é um processo de mudança incessante, que envolve sempre contradições. Se para Pillar, sair do país desperta um sentimento de esperança de vida melhor, para o Sr. Garcia, a chegada ao novo país é fonte de vivências negativas. Sentimentos de tristeza e saudade são gerados pelo sujeito que está apartado de seu país de origem, de sua cultura. Sentimentos que passam a afetá-lo, por ser obrigado a deixar o país e vir para o Brasil, sem ter escolha: não pode ficar tampouco eleger um lugar para onde acha que seria melhor ir; trata-se de sobrevivência, do lugar possível. Em um encontro com o objetivo de promover a fala, a escuta e a escrita no grupo, utilizamos uma reprodução da fotografia “mãe trabalhadora rural migrante de 1936 de Dorothea Lange” (Imagem 2).



Fonte: (fotografia de Dorothea Lange- 1936)

O Sr. Garcia, após observar a imagem, fez a seguinte leitura:

Mulher muito bonita, mas triste, com cara de sofrimento, preocupada.

Parece que o contato com a arte convida o Sr. Garcia a olhar para além do visto, para a própria história, destacando as emoções que a mulher da fotografia evoca, o que é mais significativo naquele momento. Parece que a experiência com a imagem promove o acesso a suas memórias para revelar suas emoções.

Para Manguel (2001: 91):

a fotografia tornou-se um provedor de imagens da nossa sociedade. Como nunca antes, tornamo-nos testemunhas daquilo que, em algum momento aconteceu: guerra, fatos momentosos, públicos ou privados, a paisagem de terras estrangeiras, o rosto de nossos avós na infância... tudo nos foi oferecido pela câmera, para o nosso exame atento.

Então, quando o Sr. Garcia observa a fotografia, ele consegue nomear e significar a imagem; ele não explica a imagem e sim constrói uma narrativa carregada de afetos e experiências, ao que parece, para trazer uma longa história de imersão em uma cultura própria, onde construiu sua vida. É dessa vida que, de repente, tem de se desprender, e sua idade avançada parece anunciar que ele não mais poderá retomá-la. Daí a tristeza. Situações como a do Sr Garcia, um senhor de 60 anos, com poucas possibilidades de inserção em atividades laborais e mesmo de construir uma nova família, deveriam ser balizadoras de políticas de imigração que pudessem mitigar o sofrimento das pessoas.

Em decorrência de omissão do Estado brasileiro na criação de uma política que seja verdadeiramente comprometida em garantir os direitos, a acessibilidade a serviços, o envolvimento social com equidade, o atendimento a refugiados tem sido remediado pela atuação de outros agentes em âmbito local, nacional e internacional. (Baeninger, 2015; Lussi, 2015). Ainda que, pessoas que vivem em situação de refúgio recebam apoio das ONGs com a finalidade de acolher e suprir suas necessidades básicas, como; moradia temporária, alimentação, vestimentas e em alguns casos cursos de Língua Portuguesa, oferecidos por pessoas voluntárias é urgente pôr em evidência a ausência de políticas públicas eficientes como forma de integração dos refugiados na sociedade em todas as esferas.

Quando Vygotsky (2001, 2003), ao falar da nossa relação com a arte, diz que a imaginação e a criação são elementos relevantes nesse processo, por abrir caminho para a interpretação da obra; a maneira como ela nos provoca, fará com que ela seja entendida em sua singularidade. Desse modo, podemos compreender que a narrativa é feita da imaginação, a imagem fala sobre algo e outras coisas no mundo, por isso, a imaginação depende da experiência do sujeito.

Ao acessarmos experiências de diversas formas e intenções, é possível ampliar as possibilidades de significar o mundo. Não há como conhecer sem imaginação, e a imaginação está relacionada com as emoções. Se não estivermos bem, o processo imaginativo interfere em nossos pensamentos e ações. Se colocar no lugar do outro requer o uso da imaginação.

Segundo Vygotsky, (1930/2009), ainda que a matéria básica da imaginação seja a experiência do sujeito, sua dinâmica permite ir além da realidade vivida empiricamente, permitindo que outras experiências sejam criadas pela via da imaginação. Então, a imaginação mostra um caráter dialético na relação com as funções psicológicas superiores ao adquirir novas características sempre que novas experiências são criadas, o que permite ao sujeito senti-la e refletir sobre elas.

Para além desse papel promotor de vivências emocionais e reflexão, no caso do trabalho com imigrantes, por vezes reunindo diversas nacionalidades, a linguagem artística favorece o acesso aos conteúdos que podem ser explorados na apropriação da língua do país acolhedor, e essa foi uma importante dimensão que nos conduziu a utilizá-la.

Ressalte-se o papel da arte em nossa pesquisa, uma vez que para Petroni e Pissolatti (2016) o uso da arte é uma maneira de compreender o modo como ela pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito, como pode provocá-lo e de que modo ele pode ser afetado.

O texto “Os Moradores do Albergue”, de Rubem Alves, foi a contribuição que um dos participantes trouxe para compartilhar com os outros. O texto aborda a questão da convivência, do coletivo; por isso logo realizei a leitura; e, ao terminar, o Sr. Garcia nos relata sobre a sua compreensão:

“As máscaras usamos segundo nossa conveniência, mas não podemos ser assim, precisamos ser honestos com nós mesmos, não podemos viver com uma máscara de hipocrisia por muito tempo. Agora, às vezes, não usamos máscaras porque nossa cara é um poema que está passando com nossos sentimentos. Aqui é um rosto Venezuelano (mostra o desenho que fez) essa pessoa tem uma tristeza, essa tem uma tristeza mais profunda. Agora essa aqui está ‘entregada’, tem de receber ajuda. Na biblia fala que para Deus Mil anos é um dia e um dia é mil anos, nós podemos chegar aos 80 anos que passa em um piscar de olhos. Então, temos que desfrutar o que temos no presente.”

Portanto, a arte como mediadora desempenhou um papel essencial para o Sr. Garcia poder compartilhar sua leitura em voz alta, provocando a fala e o pensamento, não somente dele, mas do grupo, que ouvia sua partilha e interagiu. Podemos dizer que, de certo modo, aproxima a arte ao seu cotidiano. Como afirma Souza (2016: 21):

Nesse sentido, quando usamos uma atividade de natureza artística como, música, filme, peça de teatro, pintura, ou a leitura de poesia ou de um texto literário em voz alta permite-se a quebra do ritmo cotidiano que é caracterizado pela repetição e facilitador da alienação.

Os trechos das falas de Sr. Garcia mostram-nos as "máscaras" que ele precisa usar para conviver em um coletivo adverso, com as regras que são impostas pela Instituição, com muitas outras culturas que ali convivem, com os estranhos com quem ele compartilha o quarto. Suas falas trazem as experiências sentidas de uma pessoa em situação de refúgio; e quantas máscaras ele precisa usar para viver entre tristeza e alegria, insatisfações e mazelas do cotidiano. As “máscaras”, mencionadas pelo Sr. Garcia, parecem ter relação com a identidade dele, quando diz, “Aqui é um rosto Venezuelano”, com essa subjetividade ele expressa os sentimentos vividos.

Para Souza (1998) o indivíduo não pode ser visto de modo isolado e fragmentado do contexto, mas sim como relação, porque desta forma a identidade assumiria um papel de igualdade, de particular e coletivo de subjetividade e objetividade.

Ainda é possível identificar um sentimento de tristeza em suas falas, como aqui: “essa pessoa tem uma tristeza, essa tem uma tristeza mais profunda. Agora essa aqui tem de receber ajuda”. Se, para Vygotsky (2009), o desenvolvimento não cessa e tem em sua base o afetivo-volitivo, podemos pensar como essas emoções afetam o processo de desenvolvimento do Sr. Garcia nesse momento da vida, que lhe exige tanto, por exemplo, apropriar-se de uma nova língua, neste caso a Língua Portuguesa. A exemplo do que apontamos em Pillar, de onde viria sua motivação para seguir em frente, que experiências no país que acolhe seriam geradoras de motivos?

Para Wallon (1979), a afetividade expressa-se por sentimentos, emoções e paixões que são significados por momentos marcantes e contínuos. Tais aspectos da afetividade decorrem de fatores orgânicos e sociais. Então, podemos pensar que os fatores externos sociais podem ser os motivos de falas tão carregadas de tristeza ao enfrentar as dificuldades por falta de emprego, moradia digna, a distância da família e de sua cultura, e a falta de expectativa de um futuro melhor, quando ele acrescenta: nós podemos chegar aos 80 anos que passa em um piscar de olhos. Então, temos que desfrutar o que temos no presente.

Para Vygotsky (2009) a linguagem é ponto central para o desenvolvimento. Por isso, para que o desenvolvimento do sujeito aconteça, é preciso se relacionar com um outro, para ter outra linguagem, ter uma forma de compreender o mundo, dar-lhe novo sentido e enfrentá-lo. Pensamos que usar a arte como mediadora na relação com os imigrantes, para fortalecer esses espaços que acolhem, como afirma Rocha (2022), favorece o exercício de falas, reflexão e escuta desses sujeitos e cria possibilidades de ressignificar a realidade vivenciada por eles, o que contribui para o desenvolvimento de novos modos de ser, pensar e agir no mundo.

2.3 A percepção do refugiado do local que acolhe

Hannah Arendt (1943; apud Lafer, 1988: 148) diz sobre a própria condição de vida como refugiada, em artigo de janeiro de 1943 “We refugees”:

Perdemos nossos lares, o que significa a familiaridade da vida cotidiana. Perdemos nossas ocupações, o que significa a confiança de que temos alguma utilidade no mundo. Perdemos nossa língua, o que significa a naturalidade das relações, a simplicidade dos gestos.

Essas características da experiência do refúgio parecem estar na base das vivências daqueles que chegam, todos os dias, no Brasil e em tantos outros países do mundo, e que reportam a sentimentos de tristeza, desalento e, por vezes, medo. Vejamos o que Galeano destaca em suas falas:

Aqui no Brasil eu tenho passado muita situação difícil, na Venezuela eu nunca passei fome porque tinha minha mãe lá que saía de qualquer jeito para rua, e se tivesse que pegar uma macaxeira que estava no chão, pegava. Se tivesse que ir pescar, pescava, isso tudo para minha família não passar fome, mas aqui no Brasil passei fome. Passei fome depois de sair do mato em Roraima.

Eu tenho uma mãe brasileira que me acolheu aqui no Brasil, eu comecei a fazer serviços para ela, e ela também tem filhos, ela morava em uma chácara, eu fazia uma cerca, um banheiro, ela sempre me dava comida, e fiquei conhecido como o venezuelano filho dela.

Essa senhora me pagava pelo serviço, eu fazia serviço para o filho dela que era dono de uma padaria, essa família brasileira me ajudou muito, fui muito abençoado, eles me pagavam e me davam comida, eu pegava bolo na padaria e chegava na praça e dava para os meninos Venezuelanos, tinham muitos Venezuelanos na praça, lá não tinha esse negócio de morar na rua, lá eles alugam casa, lá não tem muito disso de morar na rua igual aqui em São Paulo tem mas, não é só Venezuelanos, tem muitos brasileiros que vivem na rua.

Dessa forma, podemos pensar como os impactos das desigualdades brasileiras podem afetar no desenvolvimento desses sujeitos, ao chegarem no Brasil, quando Galeano menciona: ‘Aqui no Brasil eu tenho passado muita situação difícil, na Venezuela eu nunca passei fome, mas aqui no Brasil passei fome’, Galeano conviveu com a fome diretamente e a ausência de morar em um lugar digno e encontrou no caminho pessoas que se comoveram com sua situação quando diz: Eu tenho uma mãe Brasileira que me acolheu aqui no Brasil. Segundo, Guzzo, Souza, Ferreira (2022: 12):

Para ter domínio da própria vida pela compreensão de suas condicionantes, o sujeito necessita ser capaz de pensar de modo mais expandido, compreendendo as razões de suas condições de vida atuais e pregressas e visualizando suas possibilidades de futuro. Essa compreensão implica todos os outros de sua relação, com os quais compartilha e produz novas significações, em um processo dinâmico e permanente característico das vidas vividas.

Portanto, para que possamos nos afetar enquanto sujeito no coletivo, e dar visibilidade para essas questões sobre o refúgio, para Matos (2020: 201), ter “visibilidade é nos afetar, é entrar no nosso campo de afecção, é entrar no nosso campo de percepção”. Desta maneira, que os nossos olhares sejam ampliados e sensibilizados para que não fique somente neste lugar de acolhimento, assim como políticas públicas e sociais possam ser pensadas com o coletivo da sociedade para que transformações ocorram nesse âmbito.

Em um dos encontros com os imigrantes utilizamos uma pintura da artista brasileira Tarsila do Amaral, Os Operários, com a intencionalidade de facilitar a participação de todos, visto que os sujeitos que ali estavam, falavam e compreendiam diferentes idiomas. Nessa atividade eu mostrava a imagem e a proposta era que cada um pudesse escrever sobre o que haviam entendido sobre a obra exposta, poderiam escrever em português as palavras já conhecidas e quando não soubessem a palavra em português usavam o próprio idioma, com a intenção de promover a expressão, as ideias

e as emoções dos participantes. Ao olhar para a obra, Pillar nos conta; “parece aqui a ONG, uma diversidade de pessoas, falando em idiomas diferentes”.



Quadro 'Operários' de Tarsila do Amaral foi pintado em 1933 com técnica de óleo sobre tela — Foto: Reprodução/ Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo de SP

As conversas que aconteciam nos encontros eram mediadas por uma língua que não era a materna, devido à diversidade de nacionalidades que era composto o grupo; assim, recorriamos ocasionalmente à língua inglesa, uma vez que era conhecida por todos que ali estavam, isso para mediar os diálogos entre os participantes; e, também usávamos o google tradutor, numa tentativa de melhor compreensão das falas.

Concordamos com Vygotsky (2021:201), “cultura é o produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem”, ou seja, a cultura é produção humana e faz a mediação do desenvolvimento, uma vez que o desenvolvimento não cessa, podemos dizer então que qualquer pessoa é capaz de se desenvolver desde que se adeque a linguagem, quando Pillar diz: “parece aqui a ONG, uma diversidade de pessoas, falando em idiomas diferentes”, por essa razão usamos a língua inglesa, língua universal. Além disso, consideramos os conhecimentos que esses sujeitos já têm, e essa maneira de comunicar permite acessar o outro e compreender o que é ensinado, visto que o desenvolvimento só é possível mediado pelo outro através da fala, não somente da comunicação, mas a fala interna, isso implica a função psicológica superior, a qual abordaremos no capítulo a seguir: a importância do domínio da língua.

CAPÍTULO 3 A IMPORTÂNCIA DO DOMÍNIO DA LÍNGUA

“Aprendemos a dizer “dois real”, “seis real”, “obrigado”, “bom dia”, “de nada”, isso pode parecer pouco, mas me dá um alívio porque as pessoas nos olham com um ar de compreensão que de certa forma nos liga a elas e nos salva da falta de comunicação, dando a impressão de que aos poucos passaremos a pertencer a esta terra”.
Doramar ou a Odisseia- Itamar Vieira Junior.

Nos capítulos anteriores discutimos sobre as condições a que os sujeitos refugiados estão submetidos, desde o atravessamento das fronteiras, os percalços que são enfrentados quando chegam ao Brasil e como as desigualdades sociais características do Brasil implicam no processo de desenvolvimento desses sujeitos. Este capítulo defende a aprendizagem da língua como ponto central do desenvolvimento humano; para Vygotsky (2009), a linguagem é a função central das relações sociais e da conduta cultural da personalidade, ela se efetiva pelo uso dos signos: linguagem oral, escrita, sistema numérico entre outros. Nessa direção, acredita-se na importância de olhar para a história do sujeito para compreender o meio e olhar para o meio para compreender o sujeito, ou seja, sujeito e meio se constituem.

Assim como afirma Ferreira, (2014, p.124) “partimos da premissa de que, para entender a cultura de um povo, é necessário conhecer e compreender o contexto em que se desenvolve”, podemos dizer desta forma que para fazer parte de uma cultura o domínio da língua é fundamental, sendo a palavra o instrumento para a atividade humana.

Segundo Neves (2015) o desenvolvimento do sistema psicológico acontece por um processo em que as funções elementares e biológicas passam a superiores, por meio da mediação de um outro e no contato com os elementos da cultura. Desta maneira, “o resultado desse desenvolvimento, que Vygotsky (2001) denomina de histórico-social, corresponde a um psiquismo que se estrutura como um sistema, constituído pelas múltiplas e infinitas relações entre as funções psicológicas superiores” (Souza *et al.*, 2011, p.30).

Podemos compreender por funções psicológicas superiores, a fala, o pensamento, a emoção, a memória, a imaginação, a atenção voluntária, a vontade e a formação de conceitos. Sendo que, o desenvolvimento destas funções e a maneira que atuam é completamente conectado, formando uma rede de nexos como parte do próprio sistema psicológico. (Souza, 2022). Não vou discorrer sobre todas as funções, embora compreenda a organização do psiquismo como sistêmica, visto que uma função complementa a outra e, nenhuma se desenvolve sozinha. Meu foco será no pensamento e na linguagem, visto sua importância para a discussão que pretendemos aqui fazer.

O surgimento de novos nexos é um processo contínuo, mesmo que a estrutura das funções não se modifique, as conexões combinadas entre elas mudam, promovendo uma composição de novos sentidos e significados, resultando em um processo evolutivo e no desenvolvimento do

sujeito. (Souza & Andrada, 2013). Portanto, faz-se necessário compreender em que meio esse sujeito refugiado está se constituindo, e quais as mediações têm se oferecido para que esse meio favoreça o desenvolvimento desses sujeitos na aprendizagem de uma nova língua.

Segundo Ferreira (2014, p.148):

sendo a língua o objeto que contribui com o desenvolvimento das ininterruptas relações e, ao mesmo tempo, o meio que promove a produção e a manutenção dos aspectos culturais disponíveis, o sujeito necessita se apropriar desse indispensável símbolo para significar e ressignificar o seu próprio mundo, o do outro, o seu contexto e o da sociedade.

Podemos dizer, dessa forma, que a língua é mediadora da cultura, tendo a fala como uma prática social. Vejamos as expressões dos sujeitos, quando relatam na entrevista, se já tinham estudado a Língua Portuguesa em outro momento e como foi aprender essa nova língua.

“Nunca tive aula de português antes, só aprendi lendo e assistindo jornal”. (Galeano).

“Difícil, para as crianças é mais fácil, está comprovado. ‘O loro velho não aprende hablar’ ditado venezuelano”. (Sr. Garcia).

“Gosto de escutar, falar acho difícil, acho muito difícil, me dá dor de cabeça, mas preciso aprender para me relacionar, mas tenho muita coisa na mente”. (Pillar).

Se, para Galeano, o processo de aprender uma nova língua é possível quando acessa os meios de comunicação, por exemplo, o jornal, para o Sr. Garcia, o processo acontece de forma diferente “difícil, para as crianças é mais fácil, está comprovado, o loro velho não aprende hablar, ditado venezuelano”, o que nos leva a pensar quais foram as vivências do Sr. Garcia, a que foi submetido, e as tensões provocadas pelos contextos em que se insere desde as experiências de infância, quanto as experiências de refúgio, o que fez na história dele em pensar na incapacidade de aprender uma nova língua. Assim como, para Pillar quando diz: “Gosto de escutar, falar acho difícil, acho muito difícil, me dá dor de cabeça”, mesmo gostando de escutar, diz que acha difícil e sente dor de cabeça. Para Souza & Andrada (2013, p: 362) “é possível definir a vivência como uma experiência significativa para o sujeito, recheada de emoções”.

Segundo Vygotsky os afetos estão na base da aprendizagem, desta maneira, podemos pensar como esse sentimento que perdura no tempo, assim como essas emoções que trazem as falas de Sr. Garcia e Pillar ficam no corpo, para Sawaia (2009, p.367):

Isto é o poder de ser afetado, na forma de emoções e sentimentos, e o seu poder de agir, de pensar e desejar. E como mente e corpo são uma mesma e única coisa, as afecções do corpo são afecções da alma, sem hierarquia ou relação causal entre eles. O que aumenta ou diminui a potência de meu corpo para agir aumenta ou diminui a potência de minha alma para pensar.

Ainda segundo a autora, “os afetos são condição e fundamento do ser e existir”. Ademais, a língua é uma prática social do sujeito para existência e o não domínio da língua pode causar

sofrimento, ao se apropriar desse conjunto de conhecimento, dessa dimensão da Língua Portuguesa, pode também promover situações para o pensar e agir. Segundo Palangana (2001, p.131):

O processo de apropriação do conhecimento se dá, portanto, no decurso do desenvolvimento de relações reais, efetivas, do sujeito com o mundo. Vale ressaltar que estas relações não dependem da consciência do sujeito individual, mas são determinadas pelas condições histórico-sociais concretas nas quais ele está inserido, e ainda pelo modo como sua vida se forma nestas condições.

3.1 Importância do domínio da língua.

O desenvolvimento é revolucionário e revela-se, na medida em que as interações acontecem, e a linguagem tem papel fundamental para mediar as expressões dos sujeitos. Segundo Vygotsky (2009, p.409), “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”, podemos dizer desta forma que é a partir do momento que atribuímos significado, que pensamento e linguagem se cruzam, e a partir de então não se separam mais, é pela palavra que a linguagem e o pensamento se realizam. (Souza, 2022).

De acordo com Vygotsky (2009), além de ser uma forma de comunicação, a linguagem é responsável por produzir desenvolvimento humano levando em conta as significações, os sentidos e os significados construídos, além disso, quanto mais domínio o sujeito tiver da linguagem maiores são as relações que consegue estabelecer, podendo então, aprofundar e expandir seus processos de reflexão.

Vejamos a seguir como essa dimensão do domínio da língua é vivenciada pelos sujeitos que buscam refúgio e que precisam enfrentar esse desafio para se inserirem na sociedade, seja para buscar moradia, procurar trabalho, ou se relacionar.

“mas se estou no Brasil e para não ter problema na comunicação, e aprender muitas palavras que não são iguais, por exemplo, pneu em português é caucho em espanhol, ocorrência é denúncia em espanhol, endereço é dirección, não é parecido, não é igual” (Sr. Garcia)

“Uma experiência boa, agora eu acho que minha segunda língua é o português”. (Galeano)

“Para mim, aprender português é bom para se relacionar, isso é o mais importante”. (Pillar.)

Embora para muitos a Língua Espanhola parece ter proximidade com a Língua Portuguesa, há palavras apenas semelhantes, o que não significa igualdade, como relata o Sr. Gracia. Para os refugiados, a dificuldade de comunicação impede que eles se incluam, as especificidades da língua espanhola que em muito se diferencia da língua portuguesa, ainda que pareça semelhante, além disso é um fator de exclusão e a própria percepção deles de que é muito diferente é outro fator de exclusão, por isso o domínio da fala e da leitura é condição para que o refugiado seja inserido em outra cultura.

Além disso, outro fator que era uma barreira para aqueles encontros, é que todos usavam máscara, devido ao vírus da Covid-19- o que também dificultava compreender o que eles falavam. Não falavam português, e em alguns momentos era difícil entender. Eles pediam para que a pergunta fosse repetida. Acrescenta-se também, o depoimento do Sr. Garcia que dá indicações de que há problemas para acessar eventuais solicitações burocráticas impostas pela sociedade como aconteceu em um dos encontros, vejamos a seguir:

Antes de começar o encontro, perguntei ao Sr. Garcia se estava tudo bem, parecia cansado e preocupado, disse que precisava resolver uma questão burocrática do emprego anterior e que não entendia o documento e as pessoas pelas quais ele procurou na época também não o compreendia, ele estava com dificuldade de entender as pessoas para resolver a questão. Devido à demora, perdeu o prazo para dar entrada nos documentos. Passei o caso para a assistente social da instituição. (Diário de Campo, 09 de setembro de 2021).

De acordo com Ferreira (2014, p.132), “se a língua que faz mediação dos processos de aprendizagem e constituição dos sujeitos é o Português”, dessa maneira, é evidente que seu domínio é indispensável para a inserção em uma nova cultura.

3.2 As razões para dominar a língua.

Nos depoimentos a seguir vejamos como fica claro o quanto é necessário expandir o aprendizado da Língua Portuguesa, porque esse conhecimento ajuda a rejeitar situações que são fundamentais para a superação da exclusão a que estão submetidos e ajuda a ampliar reflexões e a consciência.

“A menina que trabalha comigo na cozinha não entende o que eu falo e faz uma cara (franzir o rosto) e pergunta que? eu também não entendo o que ela fala e ela parece ficar brava, irritada.” (Pillar)

“Eu leio muito português, mas preciso estudar mais, queria fazer uma prova aqui para a Universidade”. (Galeano)

Assim, a consciência é a experiência que se manifesta por meio das relações, isto é, se revela na fala, sendo a fala um instrumento psicológico, capaz de afetar a si mesmo e ao outro, pois tem um processo de consciência acontecendo, na medida em que você fala para o outro você se ouve e com isso é possível acrescentar novos elementos da língua que ganha novos sentidos e significados, desta forma, a consciência é o campo da significação, funciona como um sistema psicológico superior como a fala, a atenção, a memória, etc. (Souza, 2022).

A consciência é também a experiência, é como ela se manifesta nas relações, como ela se relaciona nas relações superiores - ela se manifesta na fala, a fala é a mediação da consciência por excelência. Como esperar que essas pessoas ampliem a consciência da própria condição de Refugiados sem a língua portuguesa? “Quanto mais somos capazes de perceber e de relatar aos

outros a experiência vivida, mais ela é vivida conscientemente (ela é sentida, ela se fixa em uma palavra, etc.).” (Clot, 2014, p.127).

Recuperemos a fala da Pillar, quando diz: “A menina que trabalha comigo na cozinha não entende o que eu falo e faz uma cara (franzir o rosto) e pergunta quê? eu também não entendo o que ela fala, e ela parece ficar brava, irritada”. De acordo com Alves (2012), a linguagem é um fenômeno motivado nas relações de trabalho, ou seja, na atividade humana devido às necessidades de aprendizado e sobrevivência, é produto da atividade humana e, também, elemento importante de aprimoramento desta atividade. Em vista disso, podemos pensar, se as mediações que acontecem nesses espaços têm contribuído para o desenvolvimento dos sujeitos refugiados, quando a colega de trabalho fica irritada por não ser compreendida, ao passo que poderia buscar meios para se comunicar e aprender uma nova língua, no caso a Espanhola, deste modo, as duas teriam oportunidades em aprender enquanto ensinam, assim como afirma Freire (1997/2021, p.96) “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Apesar de a linguagem construir o pensamento, não possuem as mesmas regras, isso porque o pensamento acontece no campo do significado, e é de natureza semântica, sendo do todo para as partes e a linguagem está no campo exterior, dos códigos linguísticos, das partes para o todo, a linguagem não é reflexo do pensamento, pois apesar do pensamento se realizar na palavra, não temos como acessar o pensamento para ter certeza se a fala reflete exatamente o pensamento. (Souza, 2020).

Muitos são os desafios enfrentados por aqueles que buscam refúgio em outro país, se a travessia é difícil, a permanência não parece ser diferente, aprender um novo idioma, por exemplo é uma barreira a ser superada, dada a diversidade regional do Brasil. Para isso, Galeano busca meios de vencer os desafios em aprender o Português, ao tentar fazer algumas aproximações com a língua Espanhola e ainda acrescenta; “Eu pelo menos preferi vir para o Brasil, ainda que não falasse português. Eu vim para o Brasil porque o povo é mais acolhedor”, vejamos a seguir:

“Eu fiz muita aproximação com o espanhol, mas também como eu fiquei muito no estado do Brasil, tipo Roraima, Amazonas, Acre, Rondônia, e agora que estou em São Paulo, eu já me interessei nos diferentes sotaques que tem o português, porque se fala com mais palavra aberta, com (faz sons com a boca)”. Galeano

Com isso, Galeano aprende a palavra e, também, aprende a relacionar com outras coisas, buscando novos significados e ampliando suas escolhas, assim para Vygotsky (2009) “sem significado a palavra não é palavra, mas som vazio”, privada do significado, ela já não pertence ao reino da linguagem” p. 10.

Portanto, foi possível analisar, observar e refletir por meio das falas dos participantes, a importância do papel da língua em uma nova cultura para o sujeito refugiado que é obrigado a deixar seu país por razões diversas em busca de condições de vida mais segura, e como a apropriação da

língua pode ampliar as possibilidades de inclusão na sociedade para aquele que vive em condições de refúgio. Para que de fato seja incluído, o domínio da língua é fundamental, e é preciso pensar formas de ensinar a língua portuguesa para os refugiados, visto a diversidade de singularidades que apresentam oriundas das mais diferentes culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha casa não é minha nem é meu este lugar

Milton Nascimento

Iniciamos com uma parte desta letra de música do Milton Nascimento, cujo título é travessia, para ilustrar os sentimentos vividos por aqueles que muitas vezes de modo abrupto saem sem se despedir e pegam tudo que podem carregar, deixando para trás; sonhos, projetos de vida e sociais em busca de meio de sobrevivência.

Enfrentam uma luta constante ao chegarem no lugar de destino, porque ainda é preciso sobreviver às desigualdades sociais brasileira, e isso nos faz pensar em como esses contextos de desigualdades sociais afetam as perspectivas de imaginar um futuro melhor e sobre quais as mediações que estão sendo favorecidas ou não para garantir a aprendizagem da língua para o desenvolvimento desses sujeitos, uma vez que com o domínio da língua também podem acessar a cultura, ampliando possibilidades de superação das adversidades que enfrentam.

No nosso percurso da pesquisa, observamos que o uso das materialidades artísticas contribuiu com o desenvolvimento do sujeito, ao criar espaços que permitem as expressões desses sujeitos refugiados para a experiência com o novo idioma. Nesse contexto, iniciamos o trabalho com a seguinte questão: qual a importância do papel da língua na inserção de adultos refugiados na cultura do país que os recebem?

Colocamos como objetivo investigar a importância do domínio da língua para a inclusão na nova cultura, do ponto de vista do próprio sujeito. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, fomos encontrando algumas adversidades e definimos por trabalhar somente com uma nacionalidade e tendo em vista o aumento do número de solicitações de refúgio por venezuelanos, escolhemos esse país.

A análise dos dados permitiu-nos a aproximação com aspectos que envolvem o processo de refúgio que acreditamos contribuir para a compreensão de populações de migrantes de outras localidades do mundo. Como resultado chegamos a três grandes categorias: na primeira; “razões para migrar”, analisamos os motivos que levam os sujeitos a cruzarem fronteiras, e como os problemas sociais e políticos, pelos quais a Venezuela atravessa, contribuem para o aumento de refúgio no país, e também a maneira como esse deslocamento acontece e desrespeita-os como humanos. Na segunda categoria; observamos as desigualdades sociais e as dificuldades presentes na sociedade brasileira, e como isso pode influenciar a inserção do sujeito refugiado, sobretudo o aprendizado da nova língua.

A reflexão a ser feita aqui diz respeito ao papel do meio: se ele é fonte de desenvolvimento, precisamos pensar em mediações que possam colaborar para o crescimento do sujeito; e, por fim, a

última categoria: “importância do domínio da língua”, as dificuldades encontradas por não dominar a língua, são recorrentes nas falas dos próprios sujeitos. E, como já discutimos, a linguagem faz parte da cultura e é por meio dela que o sujeito se relaciona e, para serem inseridos na sociedade, seu domínio é fundamental, pois a aprendizagem da língua não é apenas para o sujeito se comunicar, mas um novo modo de esses sujeitos organizarem e planejarem suas ações e sua forma de ser no mundo.

No decorrer da pesquisa, foi possível pensar na urgência em desenvolver propostas de ensino para esses sujeitos, com a intencionalidade de promover o domínio da língua, levando em consideração toda a história que eles nos trazem. Como educadora penso na importância de olhar para essa temática tão atual, pertinente e necessária, assim como é urgente promover espaços para discussões, sejam em ambientes educacionais ou não, para com isso ampliar o entendimento sobre o assunto, e dar visibilidade para as questões do refúgio e, desta forma, não estigmatizar o sujeito que vive nessas condições, e com isso, contribuir para o desenvolvimento não só daqueles que aqui chegam, mas também daqueles que os recebem, pois a troca cultural é rica, e teríamos aqui uma boa oportunidade para aprender um novo idioma, juntos aos refugiados.

Mostrou-se também que o trabalho voluntariado a fim de contribuir para o atendimento e acolhimento dessa população deixa em evidência as lacunas de políticas públicas para o processo de inclusão, é notório a importância do acolhimento da sociedade civil para colaborar com as demandas oriundas do refúgio, porém é significativo que os profissionais que se dedicam ao atendimento desses sujeitos sejam qualificados e remunerados.

A partir das falas dos participantes desta pesquisa, podemos afirmar que aprender o idioma da cultura, na qual estão inseridos, é muito mais que apenas se comunicar, é poder fazer parte dessa cultura, de um grupo, é se relacionar, ter amigos, emprego digno, é dar continuidade aos estudos, é conseguir superar as adversidades.

Esperamos que mais pesquisas sejam realizadas no campo da Psicologia Histórico- Cultural, com suas contribuições sobre o desenvolvimento humano, e com isso iluminar novas possibilidades de pensar esse fenômeno, juntamente com a educação. Diante desse contexto, espera-se que políticas públicas de educação realmente inclusivas possam ser construídas para atender essa população refugiada, com respeito, justiça e qualidade.

REFERÊNCIAS⁹

- ACNUR(a). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/legislacao//#:~:text=Em%20vigora%20desde%202017%2C%20a,%C3%A0%20seguran%C3%A7a%20e%20%C3%A0%20propriedade> acesso em 12/07/2022.
- ACNUR (b). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/> acesso em 14/07/2022.
- ACNUR(c). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/09/ACNUR-Brasil-Newsletter-Julho.pdf> acesso em 14/07/2022.
- Aguiar, W. M. J. & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299-322. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>.
- Aguiar, W. M. J. & Machado, V. C. (2016). Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 261-270. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200008>.
- Alves, S.M. (2012) *Freire e Vigotski: um diálogo entre a pedagogia freiriana e a psicologia histórico-cultural/ Solange Maria Alves- Chapecó: Argos, 2012.*
- Arendt, H. (1943): *The Jewish Writings* Edited by Jerome Kahn and Ron H. Feldman- Schocken Books, New York. www.schocken.com Book design by Peter A. Andersen Printed in the United States of America First Edition
- Ayres, V. *Mapas e Metodologia- Mapa de Georreferenciamento de pessoas em situação de refúgio atendidas pela Caritas Arquidiocesana de São Paulo - CASP, ano 2020.*
- Baeninger, R. (2018a). Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. Em Baeninger, R. ; Jarochinski Silva, J.C. (Eds.). *Migrações Venezuelanas* (pp. 135-138). Campinas: NEPO-UNICAMP. http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/_migvenezuelanas.php.
- Baeninger, R. (2015). Migrações contemporâneas no Brasil: desafios para as políticas sociais. Em E.J.P do Prado e R.Coelho (Eds), *Migrações e trabalho* (pp.79-86).Brasília: Ministério Público do Trabalho.
- Barros, A.F.O., Borges, L.M. (2018)- *Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos-Psicologia: Ciência e Profissão* Jan/Mar. 2018 v. 38 n°1, 157-171. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003122016-> Disponível em www.scielo.br/pcp.
- Breitenvieser, C.B: (2019). Políticas para imigrantes formação da agenda do governo municipal de São Paulo - Fundação Getúlio Vargas/ Escola de Administração de Empresas de São Paulo.
- Carneiro, W.P. (2012) A declaração de Cartagena de 1984 e os desafios da proteção internacional dos refugiados, 20 anos depois. In: *Direitos Humanos e Refugiados*. Cesar Augusto S. Da Silva (organizador). Dourados: Ed.UFG,2012.
- Cavalcanti, L.; Oliveira, T.; Silva, B. G. *Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral*

⁹ Conforme APA 7.

de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

Cavalcanti,L; Oliveira, T.; Silva, B. G. Relatório Anual OBMigra 2022. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

Clot, Y. (2014). Vygotski: a consciência como relação. *Psicologia & Sociedade*, 26(spe2),124–139. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000600013>.

Cruz, Ana Paula Teixeira. Migração e mercado laboral transnacional: uma análise das relações de trabalho na Venezuela (Santa Elena de Uairén). In: 1º Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras. Boa Vista, RR: UFRR, 2014.

Datasus (2022): Disponível em <https://datasus.saude.gov.br/> Acesso em dez. 2022.

Faria.J.H, Ragnini.E.C.S, Bruning.C (2021)-Deslocamento humano e reconhecimento social: relações e condições de trabalho de refugiados e migrantes no Brasil- Cadernos EBAPE.BR(2021)- Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/83237/79043>

Ferreira,A.L.M.C.M (2014): Os sentidos da docência para alunos do magistério indígena: O papel da língua como mediação.

Freire, P. (1997/2021). *Pedagogia do Oprimido*/ Rio de Janeiro editora: Paz e Terra, 2021.

Galib, C.P (2021). *Imigrantes e Refugiados*. São Paulo: Editora Matrioska.

Guzzo, R. S. L., Souza, V. L. T., & Ferreira, Á. L. M. C. M. (2022). A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 39, e210100. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e210100>

Heller. A (2004): *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7.edição. Editora: Paz e Terra. – SP.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> Último acesso em out. 2022.

Instituto brasileiro de geografia e estatística- IBGE. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> último acesso em outubro 2022.

Jubilut, L.L; Silva, J. C. J: Group recognition of Venezuelans in Brazil: an adequate new model? *Forced Migration Review*, n. 65, p. 42-44, 2020. Disponível em: . Acesso em: 03.03.2021.

Junger, Gustavo; Cavalcanti, L; Oliveira, Tadeu de; Silva, Bianca G. Refúgio em Números (7ª Edição). Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

Lafer, C. *A Reconstrução dos Direitos Humanos – um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Companhia das Letras,1988.

Lussi, C. (2015). Formulação legal e políticas públicas no trato das migrações nacionais e internacionais. Em E.J.P.do Prado e R. Coelho (Eds), *Migrações e trabalho* (pp. 55-68). Brasília: Ministério Público do Trabalho.

Manguel, A. (2001) *Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio*: tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Claudia Strauch- São Paulo: companhia das letras.

Martino, Andressa Alves; MOREIRA, Júlia Bertino. A política migratória brasileira para venezuelanos: do “rótulo” da autorização de residência temporária ao do refúgio (2017–2019). REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 28, n. 60, p. 151-166, 2020. DOI:

Matos, N.R. Vicente de (2020): Afeto & violência lugares de servidão e resistência: (orgs) B.B Sawaia, Albuquerque, R., Bussarello, F.R e Purin G.T: Capítulo 9: Reflexões sobre a dimensão ético-política da memória coletiva e da violência de Estado no Brasil- Alexia Cultural: Embu das artes/ SP, EDUA: Manaus, AM.

Migracidades Governança Migratória Local. OIM. ONU Migração. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/migracidades/a-plataforma-migracidades-2/10-dimensoes-da-governaca-migratoria/> acesso em 14/02/2023.

Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. Revista Lusófona de Educação, 40 (40).

Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/refugio/sou-solicitante#condicao_refugiado acesso em 14/02/2023.

Neves, Maura Assad Pimenta. (2015): Psicologia escolar e música: mobilizando afetos e promovendo vivências na classe de recuperação- Puc- Campinas 2015.

O êxodo Venezuelano como fenômeno da Migração Sul-Sul The Venezuelan exodus as a South-South migration phenomenon João Carlos Jarochinski-Silva a 1 Rosana Baeninger- REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 29, n. 63, dez. 2021, p. 123-139

OPAS: Organização Pan-Americana da Saúde: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> ultimo acesso em outubro 2022

Páez, B.T: (2025) La voz de la diáspora venezolana. Madrid: La Catarata.

Palangana, I.C (2001): Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social. 5.ed. São Paulo: Summus.

Pereira, R. R.F : (2020) Fenômeno migratório da Venezuela e os critérios humanos: Para reconstrução de uma teoria normativa- Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Petot, D. L. A. G : (2018) Fronteira de rumo incerto: situação das políticas fronteiriças Brasil Venezuela e o caso do “acordo non-aedificandi” entre Pacaraima e Santa Elena de Uairén. Dissertação de mestrado. Boa Vista.

Petroni, A.P, & Pissolatti, L (2016): A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem: As imagens como materialidade artística no trabalho do psicólogo em práticas educativas: possibilidades de ampliação da consciência- Capítulo 5- pag 81-97- editora: Loyola

Ribeiro, L. A. dos Santos: (2018) O papel do Instituto Federal de Mato Grosso na Inserção dos Hiatianos na Sociedade- Instituto Superior de Contabilidade e administração do Porto. Instituto Politécnico do Porto.

Rocha, M. H. S: (2022) Memórias que mobilizam a imaginação: perspectivas de futuro de jovens egressos do Ensino Médio público / Matheus Henrique da Silva Rocha. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

- Rodrigues, G.M.A (2019). Refugiados- O grande desafio humanitário. São Paulo: Editora Moderna.
- Souza, V.L.T (2016). A pesquisa-intervenção como forma de inserção social em contextos de desigualdade: arte e imaginação na escola. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, 25 (2), 689-706.
- Sawaia, B.B (2009)- *Psicologia e Desigualdade Social: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social. Psicologia & Sociedade*; 21 (3): 364-372, 2009.
- Silva, J.C.J: (2017) - GT16 Migrações internacionais: Estado, controle e fronteiras Migração forçada de venezuelanos pela fronteira norte do Brasil UFRR Caxambu- MG
- Souza, V. L. T. & Andrada, P. C. (2013). Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estudos de Psicologia*, 30 (3), pp. 355-365. Obtido em 20 de setembro de 2013. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n3/v30n3a05.pdf>
- Souza, V. L. T. (2016). A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem 19,(1), 11-28.
- Souza, V. L. T. (2016). Contribuições da Psicologia à compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem. Em: Souza, V. L. T.; Petroni, A. P. E Andrada, P. C. (orgs.). *A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e da Aprendizagem – Intervenções em contextos educativos* (pp. 11-28). São Paulo: Loyola.
- Souza, V. L. T, Dugnani, L. A. C., & Reis, E. C. G. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(4), 375-88. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000400005>.
- Souza, V. L. T. (2019). A pesquisa-intervenção como forma de inserção social em contextos de desigualdade: arte e imaginação na escola. *Psicologia em Revista*, 25(2), 689-706.
- Souza, F.B & Almeida, L.P de (2019)-Condição de Refugiado: Estudos sobre Refúgio e suas implicações pra o sujeito social- 159-184. *Psicologia Sócio-histórica e desigualdade social: do pensamento à praxis*. Gisele Toassa, Tatiana Machiavelli Carmo Souza, Divino de Jesus da Silva Rodrigues (organizadores) FAPEG. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. Editora Imprensa Universitária.
- Souza, J (2017). *A elite do atraso: da escravidão à lava jato/ Jesse Souza-Rio de Janeiro: Leya, 2017.*
- Souza, V.L.T. (1998) *Olhares e dizeres revelando a identidade de professores: refletindo sobre a formação docente. PUC-São Paulo.*
- Souza, V. L. T., Petroni, A. P. & Dugnani, L. A. C. (2011). A arte como mediação nas pesquisas e intervenção em Psicologia Escolar. Em Guzzo, R. S. L. & Marinho Araújo, C. M. (org.). *Psicologia escolar: identificando e superando barreiras* (pp. 261-285). Campinas: Editora Alínea
- Souza, V. L. T., Petroni, A. P., & Andrada, P. C. (2013). A afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da psicologia *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 527-537
- Souza, V. L. T., Petroni, A. P. & Andrada, P. C. (Orgs.). (2016). *A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. São Paulo: Edições Loyola.
- Souza, V. L. T. de, & Arinelli, G. S. (2019). A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. *Revista Obutchénie*, 3(2), 1-22.
- Souza, V. L. T. (2019). A pesquisa-intervenção como forma de inserção social em contextos de desigualdade: arte e imaginação na escola. *Psicologia em Revista*, 25(2), 689-706.

- Souza, V. L. T. (2020). A pesquisa-intervenção como forma de inserção social em contextos de desigualdade: arte e imaginação na escola. *Psicologia Em Revista*, 25(2), 689–706. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p689-706>
- Souza, V. L. T. (2021). Art and science advancing human understanding. In: V. L. T. Souza & G. S. Arinelli (Orgs.). *Qualitative research and social intervention: transformative methodologies for collective contexts*. Charlotte: Information Age Publishing, pp. 17-36. AP Publishing.
- Souza, V.L.T. (2022). Anotações de aula. Texto não publicado. Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas.
- Vygotsky, L. S. (1927/1995). *Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique*. Madrid: Visor. (Originalmente publicado em 1927).
- Vygotsky, L. S. (1996). O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. (Berliner, C. Trad.). In: Vigotski, L. S. *Teoria e Método em psicologia*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927).
- Vygotsky L. S. (1999). *Psicologia da arte*. P. Bezerra (Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2003). *Pensamento e linguagem* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1934).
- Vygotsky L. S. (2004). *Teoría de las emociones*. Madrid: Ediciones Acal. (Originalmente publicado en 1933).
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1931)
- Vygotsky. L.S (2009a). *A construção do pensamento e da linguagem*-tradução Paulo Bezerra- 2 ed- São Paulo: Editora WMF- Martins Fontes
- Vygostky, L. S. (2009b) *La imaginacion y el arte en la infancia*. Madrid: Akal, (Texto original publicado em 1930).
- Vygotsky. L. S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. *Psicologia USP*, 21(4), 681-701. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>
- Vygostky.L.S. (2021). *A História do desenvolvimento das funções mentais superiores*. (Afeche.S.C.Trad). WMF Martins Fontes (Trabalho original em 1931).
- Wallon, H. (1979). *A Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Veja Editora

APÊNDICE

MODELO DA ENTREVISTA

Entrevista com imigrantes e Refugiados-Nome/Idade/ País

Quantos idiomas você fala? Quanto tempo está no Brasil? Tem algum trabalho? Qual? Veio sozinho ou com a família?

Por que escolheu o Brasil para morar?O que fazia no país de origem?

Qual a escolaridade?

Já teve aula de Língua Portuguesa antes?Por que mudou de país?

O que mais gosta de fazer no tempo livre?Gosta de ler?

Que tipo de leitura prefere?

Está lendo algum livro no momento? Qual? Tem algum livro preferido?

Tem algum autor preferido? Como é para você estar no Brasil?

Como é para você aprender português?

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Apropriação da língua portuguesa por adultos imigrantes/refugiados: expressões das culturas de origem como mediação das ações interventivas”, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) Tatiana de Camargo do Curso de Mestrado na Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUC-Campinas, sob orientação da Prof.^a Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza, com o objetivo de analisar o papel da língua na apropriação e inserção de imigrantes/refugiados na cultura inserida. Os encontros terão duração de 2 (duas) horas, nesses encontros apresentaremos materialidades artísticas para promover as discussões.

O seu envolvimento nesse estudo é voluntário, e essa pesquisa não trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão do grupo de pesquisas poderá ser solicitada, em qualquer momento. Nós gostaríamos que os encontros possam ser gravados em áudio para que a pesquisadora possa fazer o registro do trabalho.

Garantimos ao (à) Sr (a) a manutenção do sigilo e da privacidade da sua participação e, os seus dados pessoais durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Os dados provenientes da participação na pesquisa, ficarão sob guarda da pesquisadora. Se os resultados da pesquisa forem utilizados em eventos e publicações científicas, a identidade não será divulgada, sendo mantido o mais rigoroso sigilo.

Caso o (a) Sr. (a) se sinta fragilizado ou emocionalmente incomodado diante das atividades propostas. Diante disso, a orientadora e a pesquisadora comprometem-se, de acordo com a Resolução do Conselho Federal de Psicologia no 016/2000, avaliar constantemente a situação em que o (a) Sr. (a) se encontra, com o objetivo de protegê-lo, estando atenta a todo e qualquer imprevisto que possa vir a correr. Caso o (a) Sr. (a) apresentou manifeste qualquer sintoma que coloque em risco seu bem-estar emocional terá imediatamente assistência psicológica oferecida pela própria instituição que dispõe de psicólogo durante o tempo que for necessário e sem nenhum ônus ao (a) Sr. (a). Ao final da pesquisa será disponibilizado uma cópia com os resultados do trabalho. (A) Sr (a) tem a plenitude de recusar a participação ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa e não haverá nenhum prejuízo caso essa decisão seja tomada. Caso aceite participar da pesquisa, a participação consiste em participar dos encontros.

Informações adicionais a respeito da pesquisa poderão ser solicitadas diretamente com a pesquisadora através do e-mail tatianadecamargo@gmail.com ou pelo telefone (11) 982114060, em horário comercial, das 8h às 12h e das 14h às 18h. Ou ainda com a orientadora pesquisa Prof.^a Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza, pelo e-mail vera.trevisan@uol.com.br

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, prédio A02, térreo – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 - Campinas – SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 as 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação de caráter ético do projeto.

O (A) Sr (a) receberá uma via desse documento devidamente assinado.

Atenciosamente,

Tatiana de Camargo - pesquisadora